

O Segredo de um Cadáver

Bem Bryons



Mr Harvey, um trabalhador na empresa de pneumáticos Jenkins, tinha como hobby caçar insectos, nestas férias anuais tinha escolhido Havana, para procurar uma especie rara que aumentasse o valor da sua coleção. Ironicamente, o que encontrou foi uma caverna esculpida no meio das rochas por um grupo de russos, que tinham como objectivo, aniquilar o plano dos estados Unidos de lançar um cosmonauta no espaço. Harvey estava decido a contar a sua descoberta aos agentes do FBI, mas iria ele conseguir tal façanha sem ser capturado

Disponibilização: Luka
Digitalização: Marina
Revisão: Ana Marques
Formatação: Edina



CAPÍTULO PRIMEIRO

Uma viagem aparentemente serena e seu desfecho inesperado - Uma visita pouco tranquilizadora.

A noite imensa, cálida, silenciosa, excitava os sentidos. Acima, o céu, coalhado de estrelas, sem uma nuvem, abaixo, a massa negra e ondulante das águas. Ambos aproximavam-se na distância, unindo-se, finalmente, num horizonte impreciso. Eram milhas e milhas de monotonia e solidão, deixadas para trás, lentamente, pelo "Cincinatti", cuja proa sulcava a massa líquida, fazendo-a resvalar pelos costados, transformada em espuma.

O murmúrio surdo e ininterrupto do seu avanço subia pelo lado de estibordo, até o ponto onde se encontrava o homem com os cotovelos apoiados à borda da cobertura inferior. Durante instantes, parecia ouvir o rumor. Depois, certamente convenceu-se de que não era nada de anormal, e sacudiu a cabeça.

- Essa monotonia me irrita. A viagem acabará deixando-me nervoso - pensou.

Afrouxou o nó da gravata e respirou fundo. À sua volta tudo eram sombras. A cobertura solitária e os camarotes apagados. Era a última noite no mar e os passageiros queriam descansar antes de desembarcar, na manhã seguinte, em Nova York.

- Talvez um uísque me acalmasse - tornou a pensar o solitário viajante. - Sim, por certo me faria bem. O bar ainda deve estar aberto.

Mesmo assim, permaneceu parado na mesma posição, recebendo no rosto a frescura agradável da brisa, os olhos postos na superfície imensa e o cérebro vazio de idéias. Foi talvez a contemplação das ondas negras e agitadas que o levou àquela terminante conclusão.

- Não foi a monotonia que me deixou nervoso - murmurou para si mesmo. - São as estranhas circunstâncias que me obrigam a esta viagem...

Tentou coordenar as idéias, procurando convencer-se de que a alteração dos nervos nada tinha a ver com o motivo de seu embarque. Talvez o calor...

Imerso naqueles pensamentos, não percebeu a aproximação de passos que se detiveram junto dele.

- Olá, senhor Harvey - saudou-o uma voz feminina.

O homem endireitou-se repentinamente e virou a cabeça, com os olhos ligeiramente dilatados.

- Assustei-o senhor Harvey? - perguntou a recém-chegada.

- Hem? Não... É que... - gaguejou ele, esforçando-se em recuperar a serenidade.

- É que tudo estava tão silencioso...

Passou a mão no rosto, com dedos trêmulos.

- Não se sente bem? - perguntou a mulher, aproximando-se mais.

Era mais alta do que ele. Os cabelos negros e lisos juntavam-se num coque, presos à nuca, e seus olhos grandes e serenos contemplavam-no com interesse.

- Não é nada - respondeu o homem. - Provavelmente, jantei demais. Foi isso, mas... como sabe meu nome?

- Sou sua vizinha de camarote - sorriu ela.

- Embarcamos juntos em Havana e já nos vimos várias várias vezes no salão de refeições.

- Perdoo minha distração. Agora me lembro de que esta noite, após o jantar, fiquei sem cigarros e a senhorita ofereceu-me um dos seus...

- Acho que o senhor acaba de me dar uma boa lição - comentou ela. - Eu, que me julgava uma mulher irresistível... e no entanto, o senhor só prestou atenção a meus cigarros.

- Bem... O fato é que...

A mulher meneou a cabeça, impaciente.

- Não tente emendar-se, senhor Harvey. O senhor nem mesmo reparou em minha presença. - Suas palavras pareciam conter certa satisfação, com se a alegrasse o fato de ter passado despercebida. - Entretanto, vou confessar-lhe uma coisa: eu não o perdi de vista um instante sequer.

Harvey tentou esboçar um sorriso, mas em vão. Tinha a garganta seca. Os olhos serenos daquela mulher produziam-lhe, sem saber por que, intenso desassossego.

- Vai perdoar-me, senhorita - murmurou, nervoso - mas... mas tenho de voltar a meu camarote. Vou tentar dormir um pouco.

- O senhor é livre, senhor Harvey. Ficarei aqui, algum tempo, contemplando as estrelas.

O homem afastou-se, os passos um tanto trôpegos, como os de alguém que se tivesse excedido no álcool.

A mulher seguiu-o com os olhos. Por um momento, aquele olhar perdeu a tranquila serenidade, e suas pupilas brilharam estranhamente.

Os três homens saltaram do automóvel e, em rápidas passadas, dirigiram-se às docas, depois de atravessarem a Alfândega. Durante o trajeto, um quarto homem juntou-se a eles, trajando uniforme de marinheiro mercante.

- Bom dia - cumprimentou o marujo. - Estamos à sua espera.

Dirigia-se ao homem que ia ao centro do trio, quarenta e cinco anos presumíveis, nariz aquilino e queixo firme. Levava na cabeça um panamá que lhe ocultava parcialmente a fronte larga.

Seus companheiros eram bem mais jovens. O da esquerda, de cabelos louros e rosto infantil, caminhava com as mãos nos bolsos, era o mais alto dos três. O da direita tinha estatura média, compleição corpulenta, a cabeça larga, plantada num pescoço vigoroso, em harmonia com a envergadura das espáduas.

- Tudo preparado? - perguntou o homem do panamá, sem interromper a marcha.

- Perfeitamente, senhor - respondeu o marujo.

À beira do cais uma lancha esperava. No costado, em letras enormes, a palavra "Prático". Os quatro homens embarcaram e logo depois a embarcação desligou-se da escada, com a proa virada para a saída do porto.

Na cobertura, em silêncio, o homem do panamá olhava para a frente. Amanhecia. Na embocadura do East River, uma tênue claridade leitosa tingia o horizonte, transformando aos poucos o cinzento plúmbeo do mar em azul-esverdeado. A frente, a imponente silhueta negra da estátua da Liberdade recortava-se sobre o fundo claro do amanhecer. Entre a famosa estátua esculpida por Bartholdi e a lancha, outra silhueta imóvel sobre as águas: o "Cincinatti". Com as máquinas paradas, seu casco preto e branco parecia dormir à superfície.

Foi crescendo paulatinamente à medida que a lancha se aproximava, até estabelecer enorme contraste de proporções. A lancha dirigiu a proa a um dos costados do navio e instantes depois encostou na escada arriada.

Na cobertura, esperavam os recém-chegados o segundo-oficial e dois ou três marinheiros que, em postura desleixada, lançavam-lhes olhares sem interesse. Não se via nenhum passageiro. O homem do panamá adiantou-se, com uma carteira na mão.

- Inspetor Edwin Kenneth, do Departamento Federal - apresentou-se. - Estes são meus companheiros.

- Sejam bem-vindos. O capitão os espera.

O capitão do "Cincinatti" era um homem maduro, muito magro, com a pele do rosto curtida por uma longa vida de serviço no mar. Apertou a mão do inspetor Kenneth e de seus companheiros, à entrada de seu gabinete-camarote.

- Lamento incomodá-los, inspetor; mas achei que era meu dever avisá-los.

- Que aconteceu exatamente, capitão? - perguntou Kenneth.

— Não posso dizer com certeza. Nem sei se terei feito bem em pedir a intervenção do FBI.

- Fique tranquilo - disse o homem louro de rosto infantil. - Fez muito bem em avisar-nos.

Animado por essas palavras, o capitão decidiu-se a falar:

- Esta madrugada, por volta das três, um dos marinheiros da guarda encontrou a porta do camarote vinte e cinco aberta. Achou esquisito e resolveu olhar. Encontrou o ocupante, o senhor Rudolph Harvey, no chão, inconsciente. Foi imediatamente atendido pelo médico de bordo, mas infelizmente já era tarde. O homem acabava de falecer.

- Qual foi o diagnóstico do médico? - inquiriu Kenneth.

- Aparentemente, uma síncope cardíaca.

- O senhor não acredita? - interveio o agente de costas largas.

- Não sei se estou enganado, mas...
- Diga-nos o que está pensando, capitão - animou-o o louro.
- Pois bem. O senhor Harvey embarcou em Havana. Desde o primeiro momento achei nele alguma coisa estranha. Não saberia dizer o quê; talvez seu nervosismo, que me parecia sem motivo. Ou talvez sua solidão. Não falava com ninguém e parecia estar deslocado de seu ambiente.

Edwin Kenneth disse as palavras que o capitão do "Cincinatti" procurava evitar:

- O senhor acredita que tenha sido assassinado?

Embora fosse isso o que pensava, o homem do mar assustou-se com a pergunta tão incisiva.

- Bem, isto é, não posso afirmá-lo categoricamente...

- Podemos ver o corpo de Harvey? - perguntou o inspetor.

- Pois não.

Kenneth dirigiu-se ao agente louro.

- Bat, tome conta da bagagem e da documentação do morto.

- OK, chefe.

O cadáver de Rudolph Harvey jazia em seu próprio camarote. Fora colocado na cama e conservava a roupa da véspera. O peito da camisa estava desabotoado e a gravata frouxa. Edwin Kenneth examinou-o detidamente, enquanto seu ajudante passava os olhos pelo local.

- Alguma coisa de especial, Alec? - perguntou o inspetor quando terminou seu exame, voltando-se para o jovem agente de tórax robusto.

- Nada, chefe.

- Uma coisa é certa - disse mais tarde ao comandante do navio. - Aqui não encontraremos as causas de sua morte. Teremos de aguardar o laudo pericial. Pode arranjar-me uma lista dos passageiros?

- Mandarei que lhe forneçam uma cópia.

- Preciso também de uma lista da tripulação com o maior número possível de dados.

- Perfeitamente.

O inspetor saiu do camarote, seguido pelos outros. O capitão pôs-se a seu lado.

- E quanto à atracação do barco no porto... - insinuou.

- Quando desembarcarmos, o senhor pode mandar atracar. Os passageiros sabem o que aconteceu?

- Não, mas, naturalmente, estão estranhando a interdição do barco e a ordem de permanecerem em seus camarotes. Até agora, felizmente, não surgiu nenhum incidente, mas talvez alguém se impaciente se demorarmos muito a atracar.

- Muito bem. O desembarque pode ser feito normalmente. Esta tarde, ao cair da noite, mandarei um furgão buscar o cadáver.

O agente Bat juntou-se a eles na coberta inferior, onde se localizava a escada que os levaria de volta à lancha. Trazia na mão uma maleta de couro bastante usada.

- Pronto, chefe.

- Essa é toda a bagagem de Harvey? - estranhou Kenneth.

- Tudo, chefe. Até a escova de dentes está aqui dentro.

CAPÍTULO SEGUNDO

Primeiras investigações, seguidas de um rapto inédito - Capitulação.

As oito da manhã, o "Cincinatti" atracava ao cais e a prancha era arriada. Imediatamente começou o desembarque dos passageiros. Havia em seus rostos certa curiosidade que se transformava em inquietação durante a passagem pela Alfândega, quando verificavam que os trâmites normais estavam sendo reforçados por certos requisitos não exigidos em outras vezes.

Também o policiamento parecia estar aumentado, contudo, o mais intrigante era a presença de vários homens, muito jovens e expressão demasiado dura para a sua idade, que inspecionavam os passaportes anotando o futuro endereço dos desembarcados.

De algum canto surgiu o rumor de que se tratava de agentes do FBI e então a inquietação transformou-se em alarme. Que acontecera no navio para provocar a intervenção da Polícia Federal?

Uma mulher alta, morena, de cabelo preso à nuca, cochichou ao ouvido de seu vizinho mais próximo no armazém da aduana:

- Não sei o que aconteceu, mas posso dizer-lhe uma coisa que talvez o senhor ignore: assassinato em alto mar é da competência das autoridades federais.

O vizinho olhou-a com olhos desmesuradamente abertos:

- A senhora acredita que...? A mulher deu de ombros.

- Claro, podia tratar-se também de algum espião russo...

Duas horas mais tarde, o agente federal Bat Wells entrava no gabinete do inspetor Edwin Kenneth. Seu chefe e o companheiro Alec ladeavam a mesa onde estava a maleta de Rudolph Harvey. O conteúdo amontoava-se num dos extremos da mesa.

O inspetor olhou para o agente louro através da fumaça de seu cigarro.

- Como correu tudo, Bat?

- Bem. Passaportes em ordem e passageiros com cara de anjo... Anjo curioso, naturalmente. A maioria deles queria saber por que o navio parou antes de atracar. Ao que parece, esse Harvey era um sujeito sem importância. Ninguém deu por seu desaparecimento.

Enquanto falava, entregou a Kenneth um maço de papéis.

- Aqui estão a lista da residência futura dos passageiros e as fichas de todos os membros da tripulação.

O inspetor lançou-lhes um rápido olhar, deixando-os junto à maleta de Harvey.

- Bem, rapazes - disse, esmagando o cigarro no cinzeiro. - Tudo que se podia fazer está feito. Agora, temos de esperar o resultado da autópsia.

- Acha que pode ser um assassinato, chefe? - inquiriu Bat, remexendo nos objetos encontrados na bagagem de Harvey.

Kenneth encolheu os ombros.

- Prefiro não pensar nada por ora. O fato de um homem fazer a travessia Havana - Nova York com uma maleta contendo uma camisa, umas calças velhas e um par de botas, não nos dá o direito de supor que não possa ter morrido de um ataque do coração.

- Mas nos faz desconfiança de que se trata de um sujeito bem estranho - interveio Alec.

- Por que usava botas? - gracejou Bat.

- Por ser um tipo esquisito e porque aproveitou as férias para ir até Havana, caçar insetos. Pelo jeito, era um desses camaradas que espetam borboletas com alfinetes e as põem numa caixa.

- Um amador de entomologia - explicou o inspetor. - Profissionalmente, era procurador de J. J. Jenkins, fábrica de pneumáticos. Lá nos informaram de sua mania pelas borboletas.

- A família foi avisada?

- Vivia sozinho em Nova York, num apartamento da Rua 19, e lá nada encontramos de especial. Seu único parente conhecido é uma irmã que mora em Dayton, Ohio. Vamos dar-lhe a notícia quando for esclarecido o motivo da morte.

Aquela manhã e o resto da tarde foram empregados pelos três federais em estudar as fichas da tripulação e a lista de passageiros do "Cincinatti".

Às sete da noite, o furgão com o cadáver aguardava em frente à entrada do Departamento. O agente Alec Swanson seria o incumbido de removê-lo para o necrotério.

- Até logo, Alec - despediu-o o Inspetor Kenneth. - Dentro em pouco estarei na morgue.

O agente saiu, fechando a porta atrás de si. Bat Wells continuava entretido com a lista de passageiros.

- Temos suspeitos de todas as nacionalidades - comentou. - Veja, inspetor: só entre os seis passageiros que embarcaram em Havana há uma venezuelana, um inglês, um polonês, um alemão, apenas um cubano e... um javanês! Gostaria de saber que, diabos, fazia um javanês em Cuba. Não se teria enganado de ilha?

Naquele momento chegou a comunicação de que nenhum passageiro ou tripulante do "Cincinatti" tinha antecedentes criminais no FBI.

Só havia uma coisa a fazer: esperar. O corpo de Harvey estaria a caminho do necrotério. Mais algumas horas, e saber-se-ia se a Polícia Federal concluirá um trabalho... ou ia começá-lo.

Kenneth e Bat dispuseram-se a aguardar estoicamente o transcurso do tempo. Esperariam ali até que Alec lhes telefonasse da morgue.

Os ponteiros do relógio elétrico na parede do gabinete moviam-se com lentidão implacável e matemática. O furgão já teria chegado ao destino, e o resultado seria logo conhecido. Um legista nunca se engana.

A campainha do telefone soou, ampliada pelo silêncio. Kenneth atendeu.

- Gabinete do inspetor Edwin Kenneth.

Bat levantou a cabeça, olhou para o chefe, que ouvia atentamente, olhos fixos num dos cantos da mesa. Ninguém seria capaz de ler-lhe no rosto o alcance da notícia que recebia; ninguém, exceto Bat. O agente percebeu a levíssima contração dos músculos faciais de Kenneth e avançou o queixo, inquisitivo. Os olhos de ambos se encontraram: algo de mau estava acontecendo.

Quando recolocou o fone no suporte, os olhos do inspetor brilhavam como se fossem de metal fundido. Levantou-se.

- Vamos, Bat. Aconteceu algo de extraordinário.

O "Cincinatti" permanecia ancorado no cais, de prancha arriada, quando as primeiras sombras da noite desceram no amplo estuário do East River, tornando suas águas escuras. Naquele braço negro e gigantesco, limitado a leste pela ilha de Manhattan, realçava, como monumental pulseira colorida, o majestoso arco da ponte de Brooklyn. Ao fundo, sobrepondo-se à corrente, a ponte de Manhattan tornava a unir as duas margens.

Para Alec Swanson, ao lado do capitão do "Cincinatti" na coberta do navio, o panorama era familiar. Contemplara-o centenas de vezes, quando perambulava no porto, à espera de que o distribuidor de tarefas o engajassem em alguma das turmas de estivadores.

As lembranças acudiram-lhe à mente. Tempos difíceis aqueles! Dezesseis dólares e oitenta centavos diários... quando havia trabalho, até que, certo dia, no armazém 42, da Royal Mail, Edwin Kenneth viu-o derrubar três sujeitos que eram três montanhas, e aproximou-se, sorridente. Resultado: a Academia de Quantico, com um pouco mais de dezesseis dólares... e todos os dias.

Os pensamentos lhe fugiram, porque naquele momento quatro marinheiros começavam a descer pela prancha, carregando uma grande caixa de madeira sem verniz. Somente a tripulação do "Cincinatti" e o FBI sabiam o que continha.

Com grandes precauções, os marujos desceram a prancha levando o caixote até o furgão cinzento que os aguardava com a porta traseira aberta. Efetuada a operação, o motorista fez um sinal para o agente Alec Swanson.

Este apertou a mão do comandante do barco.

- Até a vista - despediu-se. - Obrigado pela colaboração.

Entrando na cabina, Alec sentou-se junto ao motorista e ordenou:

- Vamos, Rooney.

O carro pôs-se em movimento, abandonando as docas e, deixando para trás os armazéns portuários, tomou a direção de South Street.

O motorista rompeu o silêncio.

- Sabe de uma coisa, moço? Nunca me acostumarei a este trabalho. Há cinco anos que levo "fiambres" aí atrás, mas ainda fico nervoso cada vez que faço isso.

Alec olhou para a traseira, atrás da divisão de vidro. A madeira clara do caixote destacava-se na obscuridade.

- Eu posso garantir uma coisa, Rooney. Os vivos me põem mais nervoso do que os mortos.

- Sei que é bobagem, mas não consigo evitá-lo. Por que pensa que masco chiclete?

- Porque gosta, não é?

- Que esperança! Para esconder o castanholar de dentes...

Alec Swanson considerou que Rooney, como bom americano, exagerava bastante. De qualquer forma, admitia que aquele não era um trabalho agradável. Rodar de um lado para outro de Nova York, com um cadáver colado às costas, não seria, por certo, tarefa desejável.

Quando tinham percorrido metade da South Street, Rooney entrou por Maider Lane. Teve de reduzir a velocidade por causa da má iluminação e estreiteza da rua, cheia de curvas e ladeada de casas antigas de dois e três pavimentos. Os faróis varriam o calçamento à frente deles.

Rooney concentrava-se na direção, atento às curvas fechadas da rua estreita. Ao sair de uma delas, os faróis de outro veículo os deslumbraram. Rooney piscou os olhos.

- Onde é que esse animal aprendeu a dirigir? - irritou-se. - Não sabe que deve baixar o farol?

Certamente não sabia, pois continuou com os faróis altos. Alec Swanson, pôs a mão sobre os olhos, observou o outro carro e disse:

- É uma camioneta de lavanderia.

De súbito, aconteceu o imprevisto. A uns cinco metros deles, a camioneta torceu para o lado, ficando atravessada no meio da rua.

- Amaldiçoado! - praguejou Rooney. - O sujeito está maluco!

Só teve tempo de calcar fortemente o pedal, indo parar, com forte ranger de freios, a pouco menos de um metro do outro veículo.

Antes que ambos se refizessem do susto, da camioneta saltaram dois vultos que se plantaram diante deles, cada um empunhando uma pistola de cano negro e luzidio. Abriam as portas da cabina.

- Quietinhos aí, rapazes! - ordenou um deles, ameaçador. - Só queremos que se portem como bons meninos durante um minuto.

Alec Swanson contraiu os olhos e cravou-os num dos homens armados. Que pretendiam eles?

Não demorou a saber. Era algo de assombroso, que o deixou estupefato e quase fez Rooney engolir o chicle.

Outros três homens desceram da camioneta e se encaminharam para a parte traseira do furgão da morgue. Em segundos a porta estava aberta e um deles subiu. Os três juntos tiraram a caixa com os restos de Rudolph Harvey e rápida e silenciosamente transportaram-na para o outro veículo, diante da expressão abobalhada de Alec e Rooney.

Que significava aquilo?

Mas a surpresa do agente pouco durou. Sentiu o sangue ferver de indignação e resolveu agir energeticamente.

Apoiando as costas no assento da cabina, desferiu violento pontapé contra a pistola mais próxima e de um salto caiu sobre o indivíduo que a apontava. Ambos rolaram pelo chão. Swanson levantou-se antes do outro e com tremendo soco fê-lo rolar novamente no asfalto.

Viu então a aproximação do outro homem e girou rapidamente nos calcanhares, a tempo de deter, a meio caminho, o braço armado que lhe caía na cabeça. Os dois homens atracaram-se desesperadamente. Afinal, a mão que sustinha a arma cedeu, enquanto violenta joelhada fazia o bandido dobrar-se, rugindo de dor.

Sem perda de tempo, Alec saltou para os outros três homens que transportavam a carga fúnebre e avançavam para ele com os olhos fuzilando de ira. Um deles esgrimia uma enorme chave inglesa.

A investida em massa dos três obrigou o policial a recuar uns passos, ante a superioridade numérica dos atacantes.

Escolheu o homem armado, aplicando-lhe uma chave que fez o braço daquele lado perder a sensibilidade. A arma, porém, subiu novamente e desta vez nada pôde fazer. A mão desceu, com força descomunal, como um ariete, sobre sua cabeça. Teve a sensação de que sua massa encefálica explodia, dispersando-se no ar. Depois... nada.

CAPÍTULO TERCEIRO

O terrível segredo quase revelado - Horas de pavor e morte.

Joseph J. Jenkins era diretor e proprietário da J.J. Jenkins and Company. De rosto redondo e nariz achatado, que lhe davam ar de buldogue, tinha fama de ser homem de nervos controlados. Entretanto, desde dois dias antes, alguma coisa minava-lhe a reconhecida serenidade. Sua loura secretária fora a primeira a notar. O constante cenho carregado do chefe não era normal. E os nervos do senhor Jenkins pioraram ainda mais naquela manhã, quando dois homens de expressão vigorosa e andar decidido permaneceram em seu gabinete por mais de meia hora.

Logo depois de saírem começou a correr por todo o edifício da J.J. Jenkins a notícia surpreendente: Rudolph Harvey, um dos procuradores da firma, aparecera morto no "Cincinatti".

Jenkins passou o dia remexendo-se em sua cadeira giratória, assinando tudo que lhe punham diante dos olhos, sem sequer olhar. Estava assustado, isso saltava à primeira vista.

É que Joseph Jenkins sabia de uma coisa de alcance insuspeitado. Estava de posse de um assombroso segredo, cujas provas guardava muito perto da mesa metálica onde trabalhava. Seu olhar erguia-se insistentemente para uma reprodução de Van Dyck que escondia o cofre de parede. Dentro dele achava-se a explicação de algo incrível.

Era uma carta uma simples carta. Mas por que não a mostrara aos agentes do Departamento Federal? Naquele momento não encontrou justificativa para o seu procedimento. Compreendeu que seu silêncio podia ser perigoso e por causa dele perdia-se um tempo talvez vital.

- Não falei porque este não é o momento nem o lugar adequado - conjecturou para si mesmo. - As paredes têm ouvidos.

Mas não poderia perder mais tempo. Tinha de obter nova e urgente entrevista com o inspetor Kenneth, do FBI. Ergueu o fone e discou um número.

- Departamento Federal? Ponha-me imediatamente em contato com o inspetor Edwin Kenneth. Aqui fala Joseph Jenkins, da J.J. Jenkins and Company.

Uma voz impessoal respondeu-lhe do outro lado do fio:

- O inspetor Kenneth não está neste momento. Pode deixar o recado?

- Não... não. Preciso falar pessoalmente. Ligarei mais tarde.

Jenkins tornou a repor o fone. Sentiu que as palmas da mão estavam húmidas e as enxugou com um lenço que tirou de um bolso da calça.

As horas seguintes foram uma tortura moral para ele. Tentou recuperar o domínio dos nervos fumando cigarro após cigarro. Tudo inútil, não conseguia tranquilizar-se.

Às cinco da tarde o pessoal do escritório preparava-se para sair. A secretária loura entrou no gabinete.

- Se não precisar mais de mim, senhor Jenkins, gostaria de sair, disse a jovem. Temos convidados em casa e...

- Não... não preciso de nada - respondeu nervosamente o fabricante de pneumáticos. - Pode ir.

A secretária saiu com seu porte provocante, e aos poucos todo o andar dos escritórios foi ficando despovoado. O ruído das máquinas de escrever cessou, os telefones emudeceram e o cérebro frio das máquinas de calcular entrou em repouso. Os amplos escritórios ficaram silenciosos, sem vida, despersonalizados.

Sozinho em seu gabinete, Joseph Jenkins fez nova ligação telefônica. Estranhou sua própria voz perguntando pelo inspetor Kenneth. Disseram-lhe que o policial ainda não voltara.

- Bem... bem... - murmurou Jenkins com voz insegura. - Continuarei insistindo.

Acendeu outro cigarro e procurou acalmar-se. O esforço era infrutífero. O cofre, atrás de Van Dyck, continuava atraindo-lhe os olhares.

Três horas mais tarde, discretas batidas na porta o assustaram. Começou a erguer-se na poltrona e tornou a sentar-se. Estava comportando-se como uma criança. Provavelmente, seria Stolker, o vigia noturno.

- Entre - convidou.

A porta abriu-se para dentro e a cabeça quadrada de um homem apareceu no umbral.

- Boa noite, senhor Jenkins - saudou o visitante. - Pensei que tinha ido embora.

- Não, ficarei ainda algum tempo.

Stolker olhava-o através de suas negras e espessas sobrancelhas.

- Precisa de alguma coisa?

- Não, não, obrigado. Pode retirar-se.

O homem obedeceu. Jenkins tornou a ficar só no grande gabinete, que agora lhe parecia ainda maior. Soltou a pasta que tinha entre as mãos e tomou o telefone. Afinal conseguiu. O inspetor Edwin respondeu do outro lado do fio. Jenkins falou atropeladamente:

- Inspetor, liguei várias vezes e me disseram que não estava. Eu... eu preciso falar-lhe, tenho algo a dizer...

- Não se precipite, senhor Jenkins - aconselhou, a voz tranquila do inspetor. - Então, tem alguma coisa a me contar?

- Sim, tenho.

- Estou ouvindo.

- Mas estou muito nervoso, inspetor - começou Jenkins. - Esta manhã eu não lhe contei tudo o que sabia. Tenho em meu poder as provas de alguma coisa muito importante.

- Relacionado com a morte de Harvey? - perguntou o policial.

- Sim... de certa maneira, sim - respondeu Jenkins vagamente.

- E por que não me disse esta manhã?

- Achei que não era o momento. Alguém poderia entrar no gabinete e ouvir. Quando souber a importância da minha informação compreenderá a razão de meu procedimento...

Kenneth interrompeu-o:

- Bem, vamos ao caso. Qual é seu segredo? - Joseph Jenkins continuava com o olhar fixo no Van Dyck. Pequenas gotas de suor perolavam-se a fronte.

- Se não se opuser, prefiro falar-lhe pessoalmente. O telefone não me parece muito seguro.

- É boa idéia - concordou Kenneth. - Se me disser de onde está falando, posso ir ao seu encontro agora mesmo.

- Não... não. Eu irei vê-lo aí.

- Está bem. Espero-o.

Joseph Jenkins desligou o telefone, ficando alguns minutos com a mão apoiada no aparelho, respirando fundo. O suor escorria-lhe pelas têmporas. Retirou a mão humida e enxugou-a com um lenço.

Foi até o cofre, apertou um botão entre as prateleiras de uma biblioteca, e o quadro de Van Dyck deslocou-se da parede, fazendo aparecer a lustrosa porta do cofre. Fez a combinação do segredo e abriu.

Instintivamente, e sem poder dominar os reflexos, olhou para trás. O medo a alguma coisa continuava dominando-o. O gabinete estava vazio, silencioso, exageradamente grande...

Meteu a mão, febrilmente, no interior da caixa. Estava ali o que procurava! Aquelas folhas manuscritas iriam abalar alicerces. O FBI ainda estava longe de imaginar o que estava acontecendo e o que poderia acontecer, se ele, Jenkins, não lhes entregasse rapidamente aquela carta!

Tornou a fechar o cofre, meteu as folhas numa grande pasta de couro pousada numa poltrona, apanhou o chapéu e saiu do gabinete depois de apagar as luzes.

A ante-sala estava às escuras. Apenas a penumbra das luzes da Broadway que se coavam através das persianas graduáveis de plástico, na grande janela. A mesa de trabalho de sua secretária a um canto, cuidadosamente arrumada e a máquina de escrever coberta com o oleado. Sentia-se ainda no ar o perfume insinuante da loura.

Todas essas sensações Jenkins experimentou enquanto atravessava a porta de cristal esmerilhado que comunicava com as demais dependências. Seus passos reboavam nos tacos do chão, em contraste com o silêncio reinante. Empurrou a porta e encontrou-se no salão dos escritórios.

Era uma peça enorme, com as mesas metálicas e os fichários ordenados de modo a ocuparem o menor espaço possível. Uma luz vermelha, colocada num dos cantos, espargia nos móveis seu resplendor difuso, dando-lhes um aspecto estranho.

Jenkins atravessou a sala em direção à saída. Ao segurar a maçaneta, ouviu atrás de si o rumor de passos. Teve vontade de virar-se, sobressalta-do, mas conteve-se. Seria ridículo ele, o grande J.J. Jenkins, mostrar o mais leve nervosismo diante de Stolker.

- Até amanhã, Stolker - despediu-se, procurando dar à voz uma entonação normal.

Mas sentiu o sangue gelar-lhe nas veias quando ouviu a voz soando às suas costas... e não era a do vigia noturno.

- Não se despeça ainda, senhor Jenkins. Tem de atender a uma visita.

Soltando a maçaneta, o fabricante de pneumáticos virou-se rapidamente. Seus olhos aterrados encontraram a figura de dois homens situados a uns três passos. Na mão direita de cada um havia um revólver apontado diretamente para seu peito.

- Que significa isto? - conseguiu falar. - Quem são os senhores?

Um dos indivíduos justificou-se:

- Diremos em duas palavras. O senhor sabe de alguma coisa que nos interessa não seja divulgada.

- Não sei do que esta falando - respondeu Jenkins.

- É inútil fazer-se de tolo. O senhor e nós sabemos perfeitamente de que se trata.

Jenkins compreendeu, diante da segurança das palavras daquele indivíduo, que seria inútil continuar dissimulando.

- Que querem de mim? - perguntou.

- Muito simples: queremos seu silêncio.

- Eu... eu... - tartamudeou Jenkins. É mostrando a pasta, continuou: - Se o que querem são estas folhas, eu...

Um riso contido do outro cortou suas palavras.

- Infelizmente para o senhor, isso não é bastante.

A frase entrou no cérebro de Jenkins como introduzida a marteladas. O homem prosseguiu falando com esmagadora clareza:

- Lamento, amigo, mas estamos aqui dispostos a cumprir a desagradável tarefa de silenciá-lo.

J.J. Jenkins não era covarde. Havia lutado muito nos tempos difíceis da juventude. Durante a guerra, em Guadalcanal, abriu passagem a baioneta entre as fileiras inimigas e agora não iria entregar-se passivamente àqueles dois indivíduos. Tornaria a lutar com todas as suas forças.

Deixando a pasta cair, deu um passo à frente, com olhos brilhantes. Já não havia medo neles, mas firme e decidida resolução. Compreendia que o gesto era temerário, mas não tinha outra saída.

O primeiro dos homens ergueu o revólver algumas polegadas, com os lábios apertados formando um linha reta e fina. Apertou o gatilho sem vacilações, duas vezes. O eco da primeira detonação confundiu-se com o estampido da segunda.

Joseph Jenkins parou a um passo do revólver homicida, levou as mãos ao peito, desesperadamente, como querendo arrancar o chumbo que lhe abrasava o coração, e tombou sobre as pernas. Uma golfada de sangue brotou-lhe da boca, manchando sua camisa branca.

Nesse instante, o outro homem desfez sua imobilidade e inclinou-se sobre a pasta de couro, sem abandonar o revólver. Com a mão esquerda enluvada remexeu em seu interior. Enfim encontrou as folhas de papel que o grande J. J. Jenkins tirara do cofre. Sorriu triunfante.

- Aqui estão - anunciou ao seu comparsa.

- Então, vamos embora.

CAPÍTULO QUARTO

A surpresa é sempre boa aliada - FBI começa a agir - Aventura num arrabalde.

Mal desligado o telefone, após a conversa com Jenkins, o inspetor Kenneth entrou a dar ordens, chamando um dos agentes a seu serviço.

O subordinado foi mandado a toda a pressa para a Broadway, à porta do prédio de J. J. Jenkins and Company, com ordem de vigiar a saída do diretor-gerente da companhia.

Tal medida não produziu os resultados esperados. O fabricante de pneumáticos não saiu.

O policial, estranhando a demora do homem de negócio e depois de assegurar-se de que não fora visto, telefonou para o chefe comunicando-lhe o que sucedia.

Minutos depois, o alarido de uma sireia anunciava a chegada do inspetor, que desembarcou à porta do arranha-céu.

Foi preciso arrombar a porta do décimo-nono andar porque ninguém atendia aos insistentes chamados. Quando os federais entraram tiveram diante dos olhos toda a crueza da tragédia.

Joseph J. Jenkins estava estendido no chão em curiosa postura, com os olhos abertos terrivelmente fixos, o pescoço e a camisa manchada do sangue que se coagulava no chão, formando uma poça. Uma pasta de couro aparecia a um canto, com seu conteúdo espalhado pelo assoalho.

O vigia noturno foi encontrado no lavatório, fortemente amarrado com os cordões da persiana e quase asfíxiado por um lenço metido na boca.

As declarações de Stolker pouco esclareceram. Dois indivíduos armados surpreenderam-no quando efetuava a ronda, reduzindo-o à mais completa imobilidade. Era tudo o que sabia.

A partir desse momento, Edwin Kenneth compreendeu que se encontrava diante de um caso fora do comum. O nó apertava-se e seria muito difícil desfazê-lo. Não o assustavam os obstáculos, mas perguntava-se o que poderia estar escondido atrás daquilo tudo.

Era evidente que tanto Rudolph Harvey quanto Jenkins sabiam de algo que os levaria inevitavelmente à morte. O presidente da companhia falara em provas. Talvez as tivesse naquela pasta...

Quem eram os homens - o vigia falara de dois e o agente Swanson fora atacado por cinco - que se ocultavam atrás daqueles dois assassinatos?

Era um labirinto imerso na mais completa obscuridade mas alguma coisa havia que ressaltava do negror, por sua surpreendente e macabra finalidade: o sequestro do cadáver de Rudolph Harvey. Qual seria a razão dessa estranha manobra do inimigo? Por que esse interesse pelo cadáver de um homem?

- Talvez em suas roupas trouxesse algum documento de importância para os assassinos - sugeriu Alec Swanson, com a cabeça coberta por uma bandagem.

O inspetor, porém, desprezou essa hipótese. As roupas de Harvey haviam sido cuidadosamente examinadas antes de deixar o "Cincinatti".

Edwin Kenneth fazia todas essas reflexões sem perder o sangue-frio. Apesar de tatear no escuro e ignorar o fim daqueles assassinatos, o FBI tinha dois fios soltos para iniciar as investigações: a irmã de Rudolph Harvey, de Dayton, e os passageiros do "Cincinatti".

Os homens do Departamento puseram-se imediatamente em ação e o eficiente e poderoso mecanismo da Lei começou a funcionar.

O trem parou na estação de Dayton e dele desceu Alec Swanson. Apesar do fim da tarde, fazia um calor sufocante, o que fazia os passageiros movimentarem-se apressados, na ânsia de ganhar as saídas o mais depressa possível.

Swanson, depois de um olhar indiferente ao ir e vir das plataformas repletas, saiu lentamente da estação.

Não trazia bagagem e nem era preciso. Sua missão em Dayton resumia-se em seguir um dos fios que talvez levassem ao centro da meada. Aquele fio era a senhora ou senhorita Harvey.

Ao sair, o federal deparou com ampla rua que se estendia, reta, interminável, à direita e à esquerda. As esbeltas figuras de alguns arranha-céus erguiam-se, atrevidas, contra o céu vermelho do crepúsculo. Na rua, os automóveis corriam ordenadamente, a boa velocidade.

Alec, olhando para um lado e outro, resolveu a dúvida. Tirou uma moeda do bolso, atirando-a para o ar e recolhendo-a na palma da mão: coroa. Seguiria para a direita.

Foi andando sob as marquises dos estabelecimentos comerciais. Tinha apenas uma idéia muito vaga de como poderia encontrar a irmã de Harvey. Ninguém em J.J. Jenkins soubera dar seu endereço em Dayton. Sabia apenas que morava num arrabalde da cidade, conforme seu irmão mencionara certa vez. Pouco, mas já era alguma coisa.

Alec parou à porta de um café; era o que procurava. Entrou, dirigiu-se ao balcão, escolhendo um lugar afastado, junto de uma das cabinas telefônicas. Não tardou a ver diante dele, do outro lado do balcão, uma morena de nariz arrebitado e o gorro graciosamente ajeitado para o lado, sobre cabelos curtos.

- Boa tarde, moço - sorriu a moça, procurando dar realce à dentadura perfeita.
- Que vai tomar?

Swanson demorou uns segundos para responder, os necessários para demonstrar sua muda admiração por aquele sorriso, com o que começou a ganhar a simpatia da garçonete.

- Vejamos, beleza - disse por fim. - Ao entrar, estava pensando numa Coca-Cola, mas agora vejo que preciso de algo mais substancioso.- a jovem franziu os lábios com afetação e pôs sobre o balcão um copo grande no qual despejou uns dedos de uísque.

- Se quiser mais alguma coisa... - sugeriu ela, agora procurando fazer ressaltar a perfeição do busto.

Alec pegou o copo entre as mãos.

- Quando eu terminar, volte - sorriu. - Provavelmente já terei coragem suficiente para dizer-lhe o que penso.

Isso fez com que a conquistasse definitivamente.

Quando a jovem afastou-se para atender a outro freguês, o federal entrou na cabina telefônica, fechando a porta. Tomando o catálogo de Dayton, abriu-o na letra H, deslizando o dedo pelas colunas até encontrar o primeiro Harvey. Verificou que era nome bastante comum naquela cidade de Ohio.

Saiu com o catálogo na mão para consultá-lo junto ao uísque. A garçonete não tardou a aproximar-se novamente.

- Disse que precisava acumular coragem para dizer-me o que sente? - perguntou, e apontando para o guia continuou: - Acho que se o que deseja é localizar meu número de telefone, o mais prático será perguntar a mim, não é?

Alec sorriu.

- Vejamos, beleza. - Estou com um problema.

- Gosto de resolver problemas.

- Acabo de descer do trem com a incumbência de visitar uma prima que se chama Harvey.

- Se é uma prima... não vejo problema - assegurou ela.

A moça focalizava a questão por outro ângulo, ao que parecia. Apesar disso, Alec prosseguiu:

- O mal é que eu não sei seu endereço. Só sei que mora num bairro de Dayton.

A moça franziu o cenho e fechou a cara, apesar dos esforços que fazia para não aparentar o que sentia.

- Ei, ei - disse, com intimidade - conheço esse truque. Se pensa que vou acreditar...Swanson fez cara de inocente. - Não sei o que está querendo dizer...

- Num bairro da cidade, hem? Acho que agora você me pedirá que o acompanhe até lá.

Swanson não negou nem confirmou. Limitou-se a pôr o guia diante dos olhos da moça.

- Veja, princesa, olhe para todos os endereços de Harveys e me diga quantos deles ficam em arrabaldes.

A pequena olhou desapontada para o policial, apagou dos lábios o muxoxo e encolheu os ombros.

- Bem. Como quiser.

Em seguida, foi apontando alguns endereços. Ao terminar, Alec tinha três deles anotados em sua caderneta.

- Você é um encanto, menina - disse para agradá-la. - Prometo-lhe que, se me sobrar tempo, virei buscá-la.

Sem mais palavras, tomou o resto do uísque, deixou uma moeda no balcão, piscou o olho para a jovem e saiu, deixando-a com uma ligeira desconfiança de ter lidado com um maluco ou... um imbecil.

Um carro de aluguel levou-o a um dos endereços, escolhidos ao acaso. Era uma velha casa, de um só pavimento, situada ao oeste de Dayton. A poucos passos, na parte dos fundos, passavam os trilhos da estrada de ferro.

Alec bateu à porta com o nós dos dedos. Dentro ouviram-se vozes de homem e, pouco depois, um indivíduo de grandes bigodes negros e cabeleira revolta, olhava-o perscrutadoramente do umbral.

- Que deseja? - perguntou, depois de examiná-lo de alto a baixo.

- Desejo ver a senhora Harvey.

O homem cofiou o bigode com as costas da mão e olhou-o fixamente nos olhos.

- Senhora Harvey? - repetiu. - Aqui não há nenhuma senhora Harvey.

O federal sorriu abertamente, tentando com isso ganhar a confiança daquele sujeito bigodudo.

- Bem, na verdade, não sei se é senhora ou senhorita. O que quero é falar com a mulher que tem o nome de Harvey.

O homem voltou a cofiar o bigode.

- Tem certeza de que quer falar com a senhorita Harvey?

- Claro. Para isso estou aqui.

O agente sentiu-se olhado de maneira estranha. Seria difícil adivinhar naquele momento os pensamentos que povoavam a cabeça hirsuta de seu interlocutor. Por fim, o homem encolheu os ombros, deu meia volta e desapareceu no interior da casa sem dizer palavra.

Alguns minutos depois ouviu passadas que se aproximavam. Alec fixou a atenção na porta. Diante dele tornou a aparecer o tipo dos bigodes; só que dessa vez não estava sozinho. Trazia nos braços uma menina de uns dois anos, de cara incrivelmente suja e olhos arregalados a examinarem curiosamente o policial.

- Aqui está a senhorita Harvey - disse o homem dos bigodes. - Pode falar o que quiser com ela, embora eu ache que será perder tempo.

Alec esteve a pique de soltar uma gargalhada. Só não o fez de medo de assustar a menina.

- Perdoe, amigo - escusou-se. - Acho que me enganei.

Afastou-se da casa com vontade enorme de dar vazão ao riso que lhe formigava no peito, mesmo com o risco de ser tomado por maluco. Ainda ouviu o homem dos bigodes falando à menina:

- Viu, Polly, esse homem perguntou por você. Provavelmente queria vender uma máquina de lavar.

O segundo endereço ficava no setor leste. O táxi deixou o calçamento urbano quando começava a anoitecer. De ambos os lados da rua - verdadeiramente uma estrada - erguiam-se algumas casas e prédios industriais. Passaram diante de enormes galpões destinados à armazenagem de conservas, e finalmente o carro parou diante de um grupo de chalés, todos iguais, dispostos simetricamente ao longo da larga faixa de terreno. Pequena cerca de madeira limitava o minúsculo jardim diante de cada um, de modo a constituir a única divisão entre eles.

- Aquele do meio é o que o senhor procura - indicou o chofer.

Alec Swanson despediu o carro e dirigiu-se ao lugar indicado. O portão da cerca estava aberto e ele entrou, verificando que todas as luzes da casa estavam apagadas.

O policial percorreu os canteiros e subindo a escadinha tocou a campainha. Aguardou um minuto sem ouvir nenhum rumor. Insistiu. Silêncio absoluto.

Disponha-se a contornar o chalé quando parou ao ouvir uma voz.

- Quem está procurando?

Alec virou-se, espantado, por não ter visto ninguém ao entrar. Era um homem em mangas de camisa, no jardim do chalé vizinho. Tinha nas mãos uma tesoura de podar.

- Eu queria falar com a mulher que mora nesta casa - explicou o agente.

O homem observou-o detidamente antes de responder:

- Com a senhorita Harvey?

- Exato, com a senhorita Harvey.

- Não está. Minha mulher e eu vimos quando saiu, há uma hora.

- O senhor sabe se voltará esta noite?

- Acho que sim.

Swanson aproximou-se do homem. Aquela ausência era um imprevisto, uma perda de tempo que não estava em seus planos, sobretudo tendo em conta que talvez nem fosse aquela a mulher procurada. Resolveu sondar o vizinho.

- Não esperava que estivesse fora - disse. - E eu preciso vê-la. Trago notícias de Nova York...

- De Nova York?

- Sim - confirmou o agente. - De seu irmão Rudolph.

- Ah! Por certo! - exclamou o homem, como se relembresse um fato há tempos esquecido. - Seu irmão Rudolph. Falou nele algumas vezes com minha mulher e comigo.

Enfim! Aquela era a mulher que procurava!

- Darei uma volta por aí e voltarei depois. Obrigado por tudo.

O homem convidou:

- Se quiser, pode esperar em minha casa. Minha mulher gostaria de saber coisas de Nova York.

- Obrigado. Prefiro passear um pouco. O trem entorpeceu-me os músculos.

Saindo pelo portão, começou a andar pela rua-estrada. De ambos os lados, entre escassas edificações, viam-se trechos escuros de terrenos baldios. A iluminação era praticamente inexistente, apenas a que se filtrava das janelas das poucas casas.

À direita, depois de um galpão-armazém de conservas, Alec divisou uma luz mais intensa através de uma porta de vidro: um restaurante modesto. Lembrava-se de tê-lo visto ao passar de carro. Lembrou-se, também, de que o estômago dava horas. Comer ali qualquer coisa enquanto esperava a senhorita Harvey. Dirigiu-se para lá. A área frontal ao galpão estava muito escura. O prédio projetava sua sombra no chão, dilatada, imóvel. Não havia vitalidade nos arredores e o silêncio pesava como se fosse de chumbo.

Swanson desviou-se da estrada e para ganhar terreno atravessou a área escura, quase junto às paredes do armazém. Teve de contornar alguns fardos e embalagens de madeira certamente à espera de transporte no dia seguinte.

Avançando mais uns passos entre caixotes empilhados, ouviu um ruído. O instinto de conservação, aguçado entre os de sua profissão, fez-o parar. Seus olhos perfuraram a escuridão. Nada. Nada alterava a imobilidade geral. Entretanto, o ruído repetiu-se. Era o movimento de algum corpo animado, de vida própria, oculto a seus olhos, entre aqueles volumes.

O federal avançou resolutamente. Era estranho por que o instinto ordenava-lhe estado de alerta? O subconsciente fazia-o pressentir um perigo aparentemente absurdo.

Já estava quase junto aos caixotes. Com dois passos poderia tocá-los.

Súbito, alguma coisa se moveu entre eles e várias tábuas soltas caíram ao chão. Um ganido lastimoso, e uma sombra dilatada saiu correndo como um raio.

Alec deu uma gargalhada. Acabara de espantar um pacífico vira-latas que desapareceu, rabo entre as pernas, por um dos extremos do armazém.

- Curioso - murmurou o policial. - É a primeira vez que confundo um cachorro com um inimigo.

Mas não acabara de fazer essa consideração quando "sentiu" que não estava só. Captou a ação de olhos às suas costas.

La girar rapidamente, quando um vulto surgido das sombras caiu sobre seus ombros com força tremenda. Um tentáculo poderoso enlaçou-lhe o pescoço e sentiu na garganta o frio contato de um punhal.

- Quietos, amigo, ou lhe rompo a jugular - resfolegou uma voz junto ao seu ouvido.

Alec Swanson imobilizou-se. Aquele tom de voz e o frio do aço fizeram-no compreender que era a melhor solução.

- Por que está procurando a senhorita Harvey?

- Maneira esquisita de perguntar, amigo - pode articular Alec, meio sufocado pela pressão no pescoço.

- Não tenho tempo a perder com bobagens - disse o desconhecido. - Anda, diga!

- Tenho de falar com ela.

- De quê?

- De assuntos nossos.

A ponta do punhal, cutucando a pele de Alec, convenceu-o de que o outro não gostara da resposta.

- Que assuntos são esses?

- Pois bem, amigo; chega de "cócegas" com essa "pinça". Trago notícias do irmão dela.

- Que notícias?

- Acho que más. Rudolph Harvey morreu. A resposta pareceu satisfazer o desconhecido.

Falou com voz sibilante:

- Escute uma coisa: Você vai sair daqui agora mesmo, entendeu?

- Não pode ser mais claro.

- E esta noite mesmo tome o trem para Nova York e não volte a dar as caras por aqui.

- E quem dará notícias do irmão à senhorita Harvey?

O desconhecido deu uma risadinha.

- Não se preocupe. Não haverá oportunidade. E agora, vá andando, sem olhar para trás, a menos que prefira ser "espetado", entendeu?

- Sim.

O homem afrouxou o braço em torno do pescoço de Alec e afastou-se.

- Vá andando.

O federal, porém, não concordou com a ordem. Sua reação foi tão fulminante, que apanhou o desconhecido de surpresa. Certamente não contava com reflexos tão instantâneos.

Calculando a distância que os separava, Alec virou-se, assestando-lhe terrível cotovelada no estômago, enquanto a outra mão, com precisão matemática, aferrava-se ao punho armado.

O sujeito deu um grunhido, misto de dor e surpresa. Em seguida, passou a defender-se ferozmente, tentando soltar a mão armada. Viu logo que seria inútil. A direita do federal era um grilhão em seu pulso.

Finalmente, a pressão fe-lo abrir a mão e a faca caiu. Soltou uma praga e passou a atacar com os punhos, mas levava nítida desvantagem nesse terreno.

Um soco feroz no queixo jogou-o para trás, mas Alec não o deixou cair. Saltando sobre ele, segurou-o pelas lapelas com uma das mãos, enquanto o esbofeteava implacavelmente com a outra.

Os olhos do homem turvaram-se. Sulcos vermelhos surgiram-lhe nas faces e o sangue brotou-lhe do nariz, escorrendo para o queixo e o peito.

- Basta! Basta! - pediu, gemendo roucamente.

Swanson parou, mas continuou a segurá-lo, encostando-o na parede do armazém. Então pôde fixar-se na cara sangrenta do inimigo.

Outra surpresa: Era o sujeito do chalé vizinho, que tão amavelmente lhe oferecera a casa.

- Agora sou eu quem pergunta, amigo - disse o policial. - Onde está a senhorita Harvey?

- Não... não sei... - gaguejou o homem. As mãos de Alec entraram novamente em ação.

O sangue voltou a brotar dos cantos da boca.

- Não me bata! - suplicou o homem. Seus olhos dilatados giraram nas órbitas como os de um boneco de feira.

- Responda! - ordenou o policial. - Ou lhe deixarei a cara em tal estado, que nem sua mãe o reconhecerá!

O homem apertou os lábios ensangüentados. Alec tornou a erguer a mão.

- Não! Não! - soluçou. - Direi: Taberna do Israelita, Sheridan Street, 140.

- Quem a levou para lá?

- Dois amigos nossos.

- Para quem trabalham?

- Não sei.

Alec atraiu-o. Com os rostos quase colados, sibilou:

- Não minta!

O homem tremia; os sulcos vermelhos das faces tornaram-se violáceos e os lábios, os olhos e o nariz entumesciam-se.

- Juro que não sei! - gemeu. - Esta manhã, um forasteiro prometeu-nos uma boa "grana" para esconder essa mulher em qualquer lugar seguro.

- Mais nada?

- Deu ordem de vigiarmos a casa. - Cuspiu um pouco de sangue - e "liquidar" quem viesse de Nova York perguntando por ela.

- E você não sabe quem era o sujeito?

- Juro que não. Precisávamos de dinheiro... mas não sou um assassino. Nunca matei ninguém, juro!

Alec soltou o homem, que caiu enrodilhado, soluçando com as mãos no rosto.

Daquele tipo não obteria mais nada. Era um infeliz, covarde como todos os de sua espécie.

Repugnava a Alec ter de deixá-lo inconsciente, no estado em que se achava, mas precisava cuidar de sua segurança.

Uma cutelada seca no pescoço do desconhecido acabou-lhe com os soluços e o resto.

O Israelita era um sujeito esquelético, rosto anguloso, e o atilado nariz adunco, denunciando claramente sua condição racial. Aboletado atrás do balcão imundo de sua taberna-café, conferia meticulosamente a fêria do dia.

Quando Alec Swanson entrou, os olhinhos do judeu cravaram-se nele um pouco assustados. Pôs rapidamente dentro da gaveta as cédulas que manuseava fechando-a com uma chave que guardou num bolso do paletó encardido.

Enquanto caminhava para o balcão, o federal pôde observar o estabelecimento. Era uma taberna de quinta classe, cheirando a cerveja azeda e arenque defumado. Algumas mesas de pinho alinhavam-se contra as paredes descascadas. Numa delas, dois sujeitos, com barba de vários dias e bonés ensebados, bebiam um líquido escuro em copos de vidro ordinário. Olharam-no indiferentemente.

- Boa noite, senhor - sorriu o Israelita, exibindo dentes pequenos e amarelados.

- Já é um pouco tarde, mas posso preparar-lhe um cachorro quente e um copo de cerveja.

Swanson permaneceu uns segundos em silêncio, examinando o campo de operações. Procurava calcular até que ponto seria perigosa sua missão. O judeu não parecia valer grande coisa. Quanto aos dois sujeitos de boné... poderiam ser inimigos perigosos. Talvez fossem os cúmplices do homem que o atacara no galpão-armazém.

A surpresa poderia ser uma boa aliada. Com absoluta naturalidade perguntou:

- Onde está a senhorita Harvey?

A pergunta foi tão inesperada que o judeu quase perdeu o fôlego. Seus olhos miúdos giraram assustados engasgou e, por fim, sorriu forçadamente:

- Que... que está dizendo, senhor? Não entendo...

Mas sua reação não enganou Alec: fora traído pela surpresa e pelos nervos.

- Polícia Federal - anunciou Swanson, exibindo sua identidade diante do nariz pontiagudo do taberneiro, o que acabou de aniquilar o israelita. Ficou lívido, chocou uma mão contra a outra e murmurou algumas palavras incoerentes:

- Não... não..' garanto... - e seu olhar procurou ansiosamente a ajuda dos dois tipos de boné.

Swanson compreendeu que devia continuar o método da surpresa. Viu por trás do taberneiro uma cortina esfarrapada encobrindo a entrada de algum cômodo, provavelmente a dispensa ou adega.

Entrementes, os dois bebedores, que embora não ouvindo a conversa não perdiam um detalhe da cena, levantaram-se, dirigindo-se para o balcão. Alec ouviu-lhes o arrastar dos pés.

Era o momento de agir. Com um golpe deslocou o judeu para trás e, pondo uma das mãos no balcão, deu um salto atlético. Correu rapidamente a cortina. Um cômodo amplo, cheio de umidade, barris de cerveja e trastes velhos apareceu diante dele. Ao fundo, uma porta que alcançou em dois saltos.

Ia empurrá-la quando ouviu atrás o estalido característico da mola de uma navalha ao ser aberta. Levou a mão à axila e girou nos calcanhares no exato momento em que a lâmina de aço riscava o ar junto à sua orelha e ia cravar-se, num golpe seco, desagradável, na folha de madeira.

À sua frente, os dois sujeitos de boné, sinistros e ameaçadores, com um brilho homicida no olhar. Um deles praguejou qualquer coisa quando viu que falhara. O segundo levantou o braço, e a lâmina de aço reluziu-lhe na mão, mas não teve tempo de terminar o movimento: Alec apertou o gatilho de sua Luger.

A detonação reboou nas paredes nuas e esburacadas. O homem ficou na mesma posição, imóvel, como petrificado. Em seguida, começou a dobrar-se lentamente até tombar no assoalho com um baque surdo.

O outro, vendo o companheiro caído e a pistola fumegante na mão de Alec, transfigurou-se. Ficou lívido, de lábios trêmulos. Pediu, gaguejante:

- Não... não me mate, senhor! Alec apontou-lhe o cano da pistola.

- Diga-me onde está a senhorita Harvey e depois resolvarei se o deixo ou não com vida.

O homem apontou o dedo trêmulo para a porta atrás do policial.

- Ai dentro... mas não temos nada com isso... Disseram que nós...

- Cale a boca. Não me interessa o que lhes disseram.

- Sim... sim, senhor.

- Vamos, abra, depressa! - ordenou Alec pondo-se de lado.

O sujeito teve de fazer enorme esforço. Parecia pregado no chão. Finalmente, conseguiu aproximar-se e empurrar a porta. As dobradiças rangeram e um véu negro abriu-se diante dele.

- Pronto.

- Tem luz?

- Tem.

- Acenda-a.

Alec comprimiu o cano da pistola nos rins do bandido e empurrou-o para dentro. Pouco depois uma lâmpada raquítica iluminava fracamente o cômodo. Alec pede ver, a um canto, estendido no chão, o corpo de uma mulher, fortemente amarrado com uma corda. Um lenço imundo servia-lhe de mordaça. Os olhos da moça brilhavam assustados.

- Desamarre-a! - ordenou Alec.

O sujeito obedeceu, mas a mulher continuou no chão, sem poder levantar-se. Provavelmente tinha os membros entorpecidos pela imobilidade e atmosfera humida que ali reinava.

Aproximando-se, Alec ajudou-a a ficar de pé. Pôde então observá-la melhor e teve uma grata surpresa. Calculando pela idade de Rudolph Harvey, imaginou que sua irmã fosse uma solteirona de meia-idade, mas quem ele amparava pela cintura era uma jovem loura, de olhos azuis, que teria quando muito vinte anos.

- Quem... quem é o senhor? - sussurrou, olhando-o espantada. - Que pretendem fazer comigo?

- Acalme-se, senhorita Harvey - animou-a Alec. - Ninguém vai prejudicá-la. Agora já passou tudo.

Os olhos azuis passaram para a asquerosa figura do tipo de boné e os lábios tremeram-lhe convulsivamente.

- Este... este homem! - sua voz era fraca, quase apagada. - Disseram que vinham de parte de meu irmão...

Alec tirou-a dali sem dizer nada, levando o homem à sua frente.

Aboletado atrás do balcão, o judeu continuava encolhido, tiritando de medo, com o terror refletido nos olhos.

- Saia daí - ordenou o federal, apontando-lhe a Luger - e traga-nos uma bebida forte: uísque ou rum.

O israelita não esperou nova ordem. Atendeu-os com uma rapidez que contrastava com sua lerdeza habitual.

- Beba isto, senhorita - ofereceu Alec entregando-lhe o copo. - Far-lhe-á bem.

Enquanto a irmã de Rudolph Harvey recuperava as energias com pequenos goles de uísque, Alec procurou no catálogo o telefone do xerife, deu-lhe o endereço de onde se encontrava e acrescentou que, se aparecesse ali antes de um quarto de hora, poderia algemar três indesejáveis de Dayton, um dos quais gravemente ferido.

Quando desligou, nem podia imaginar que alguém, de fora da taberna, observara a cena. A figura de um homem, colada aos vidros empoeirados da entrada, perscrutou o interior durante uns instantes. Depois, com uma imprecação em voz baixa, deu meia volta e afastou-se dali rapidamente.

CAPÍTULO QUINTO

Segredo contido num cadáver - Uma nova esperança - Visita lúgubre e nova decepção.

Um telegrama dirigido a Edwin Kenneth anunciava a chegada a Nova York do agente Alec Swanson e sua acompanhante, a senhorita

Harvey. Foi noticia muito oportuna. A presença da jovem era de grande valia para o FBI, na ocasião em que um fato desconcertante, como todos daquele caso, acabava de acontecer.

Na noite anterior, o patrão de uma barcaça de transportes achara um vulto negro que boiava nas águas do Hudson. Içado à coberta, comprovou-se que era o cadáver de um homem bastante inchado, com os primeiros sinais de decomposição. A Polícia Metropolitana encarregara-se do caso, fotografando o corpo e remetendo cópias às diversas Chefaturas e ao Departamento Federal. A identidade do morto foi logo esclarecida: tratava-se de Rudolph Harvey.

Era uma nova incógnita a juntar-se às outras. Já era estranho o roubo do cadáver de um homem, mais extraordinário ainda, que fosse abandonado nas águas do rio dois dias depois. Que importaria, em verdade, para os raptore, o corpo de Rudolph Harvey? Que procuravam nele? Estaria no cadáver daquele homem a explicação do mistério em que se debatia o FBI?

Impossível responder a essas perguntas, e nem o diagnóstico do logista teria, igualmente, esclarecido nenhuma delas. Rudolph Harvey morrera envenenado, o que nem sequer servia para provar que fora assassinado, já que o veneno podia ter sido ingerido por ele mesmo.

De qualquer forma, a vinda da senhorita Harvey era uma nova esperança. Era a única pessoa que poderia saber alguma coisa, que talvez pudesse dar uma pista, um detalhe, uma explicação, por muito vaga que fosse, das causas que teriam levado o irmão à morte.

Um "Chevrolet" esperava o casal na estação. Estava ocupado por Edwin Kenneth, o louro agente Bat Wells, e um homem ao volante. Levando a jovem pelo braço, Alec aproximou-se.

- Como vai, chefe? Olá, Bat - saudou-os, enquanto se acomodavam no carro. A uma ordem do inspetor, o automóvel negro partiu.

- Chefe, apresento-lhe Mary Harvey - disse, assinalando a jovem loura. - Uma moça corajosa, fique certo. Suportou muito bem a notícia da morte do irmão.

- Sinto o que aconteceu, senhorita Harvey - murmurou o inspetor. - E peço-lhe que nos desculpe pelos incômodos que lhe estamos causando.

Mary Harvey sorriu com tristeza.

- Sou-lhes muito grata - respondeu. - Se não fosse a coragem do senhor Swanson, a estas horas eu provavelmente estaria fazendo companhia a meu pobre irmão.

Bat Wells olhou para seu colega. Seria capaz de apostar que o outro enrubescera. Kenneth também virou-se para o herói e perguntou-lhe:

- Encontrou algum obstáculo, Alec?

- Uns sujeitos que queriam fazer de mim um amolador para suas navalhas. Não tive alternativa senão entregá-los ao xerife de Dayton.

Narrou em poucas palavras o que lhe acontecera na cidade de Ohio. O final foi contado pela moça, com um entusiasmo que fez o agente corar de modéstia.

Kenneth ouvia, fumando um cigarro, plácidamente recostado no assento traseiro, junto à irmã de Rudolph Harvey.

- Quem eram esses indivíduos? - perguntou, quando a jovem assegurava pela quinta vez que Alec era o homem mais valente do mundo.

- Delinquentes comuns - explicou Swanson. - Trabalhavam por dinheiro. Nem conheciam o sujeito que lhes pagou. Só souberam dizer que era um forasteiro em Dayton.

- Como vê, senhorita Harvey, os assassinos de seu irmão trabalham na sombra, sem deixar rasto. Assim, sua colaboração nos será de grande utilidade.

- Pode contar comigo, inspetor. Já disse tudo que sei ao senhor Alec. Se puder fazer mais alguma coisa...

Kenneth assentiu:

- Se não se importa, gostaria de ouvir de seus lábios o que Alec já sabe.

- Com muito gosto - acedeu a jovem. - Na verdade, todos os dados que possam interessar-lhes estão contidos numa carta que recebi de meu irmão há seis dias. Estava datada de Havana.

Mary Harvey fez uma pausa, apanhou da bolsa um maço de cigarros e acendeu um com o isqueiro que Bat lhe oferecia. Deu a primeira tragada e fixou os olhos no teto do carro.

- A carta a que me refiro era bastante estranha. A princípio fiquei surpreendida; mais tarde, a surpresa transformou-se em medo.

- Tem essa carta em seu poder? - interveio Kenneth.

Os olhos azuis da moça encontraram-se com os do inspetor.

- Lamento, senhor Kenneth mas a resposta é negativa.

- Os sujeitos que a raptaram vasculharam a casa - informou Alec Swanson. - Queimaram todos os papéis que encontraram.

- Isso quer dizer que sabiam da existência da carta - interveio Bat Wells.

- Infelizmente, velho - murmurou Alec - os nossos inimigos sabem demais. Justamente o contrário de nós, que não sabemos nada.

- Mas vamos ao conteúdo de sua carta, senhorita - recomeçou o inspetor. - Que dizia seu irmão nela?

A jovem contou:

- Falava-me de suas férias em Cuba, de suas andanças pelas pequenas ilhas do Caribe e de alguma coisa que encontrou numa dessas ilhas.

Foi isso que me intrigou. Lembro-me das palavras: "...e descobri, casualmente, algo de terrível, algo que fará os Estados Unidos tremerem de pavor". Mas não explicou o que era.

Os olhos azuis de Mary percorreram, um a um, os inescrutáveis rostos dos três policiais. Edwin Kenneth perguntou então:

- A senhorita sabe a que podia referir-se?

- Não tenho a menor idéia.

- Dava o nome ou, pelo menos, a posição dessa ilha? - prosseguiu Kenneth.

- Não.

- Evidentemente, não é muito, mas já é mais do que sabíamos. Dizia mais alguma coisa?

- Sim. Rudolph continuou dizendo que estava escrevendo na mesma data para o seu chefe, Joseph Jenkins, dando-lhe detalhes de sua extraordinária descoberta.

- Isso indica - comentou Bat Wells - que não considerava sua vida muito segura. Do contrário, não teria ânimo de escrever duas cartas que, a julgar pelo que aconteceu depois, eram muito perigosas.

- Sem dúvida, ele sabia que sua descoberta era perigosa - assentiu a jovem. - Suas palavras seguintes provavam isso. Pedia-me que guardasse o mais completo sigilo sobre aquilo tudo, a menos que lesse no jornal que havia acontecido alguma coisa ao senhor Jenkins.

- Que devia fazer então? - interrogou Wells.

- Ir à Polícia.

Bat Wells recostou-se mais no assento.

- Indubitavelmente, senhorita Harvey, seu irmão nos criou um problema de solução difícil. Vê-se que escolheu Jenkins para arcar com toda a responsabilidade do segredo, mas deixou uma segunda pista na carta que lhe escreveu, caso falhasse a primeira informação. Infelizmente, foi o que aconteceu.

O inspetor Kenneth permanecia calado, coçando o queixo com a mão. Enquanto seu subordinado e Mary Harvey conversavam, seu cérebro trabalhava, infatigável, como máquina de precisão.

Procurou vislumbrar alguma luz naquele enigma, e para ele o melhor caminho era começar por eliminação. Sabia que o sistema costumava dar bons resultados.

- Seu irmão gostava de colecionar insetos - disse. - Ao que parece, sua viagem a Cuba foi por causa dessa paixão. Acredita que sua descoberta tenha alguma relação com isso?

- Não posso afirmar nada - respondeu Mary - embora a princípio eu também pensasse assim.

- Depois abandonou a idéia? - A moça sorriu.

- Dissecar insetos sempre me pareceu uma coisa terrível, mas acho que, embora noventa por cento dos americanos pensem como eu, isso não seria motivo para fazer os Estados Unidos tremerem de pavor.

- Evidentemente - concordou Kenneth.

- Se é que seu irmão não tenha tido a infelicidade de descobrir uma mosca do tamanho de um elefante - alvitrou Alec Swanson com toda a seriedade.

Edwin Kenneth voltou a mergulhar em reflexões. Considerava importante a pergunta que fizera à jovem. Suas idéias começavam a ganhar corpo, a tomar rumo definido. Era evidente que o amor de Rudolph Harvey pelas borboletas o obrigaria a percorrer muitas milhas a pé, à caça dos insetos. Matas, montanhas, planícies... toda uma geografia prática. Quem sabe...?

Nesse momento, o "Chevrolet" terminava sua viagem pelas ruas nova-iorquinas e parava diante de um prédio cinzento, de construção austera, cercado por uma grade metálica de considerável altura.

- Estamos no necrotério, senhorita Harvey - disse Bat. - Agora deve encher-se de coragem.

A jovem contemplou, receosa, a edificação de impressionante simplicidade que se erguia diante de seus olhos.

- Acaso estará aí o meu... - murmurou, apontando para as grades com mão trêmula.

- Precisamos que o identifique - disse o inspetor.

Mary Harvey concordou em silêncio enquanto descia do automóvel, ajudada por Alec. Seus olhos não se afastavam daquelas grades.

- Espere-nos aqui - ordenou Kenneth ao motorista.

- Sim, senhor.

A morgue impressionava aos que a visitavam pela primeira vez e Mary não seria exceção. Talvez, por associação de idéias, lhe parecesse um lugar desolado, misterioso, intranquilizador. Os elevadores metálicos, os compridos corredores até mesmo os funcionários, havia em tudo um aspecto funebre, silencioso, em harmonia com seus inanimados "clientes".

Os passos soavam como atabaques nos longos corredores desertos. A jovem tinha a sensação de palmilhar um mundo desconhecido, de silêncio e sombras.

O auxiliar que os precedia, trajando um guarda-pó cinzento, parou diante de uma porta de correr, fazendo-a deslizar para o lado. Era a entrada daquele mundo fantasmagórico, o reino dos mortos.

O depósito de cadáveres compunha-se de um saguão espaçoso, impressionante, frio, de paredes cobertas de nichos em cada um dos quais engastava-se uma alongada caixa metálica corrediça, que deslizava como gaveta de fichário.

Ao centro, iluminada pela luz difusa, situava-se uma mesa de mármore.

Mary Harvey sentiu um estremecimento ao divisá-la. Uma espécie de lençol cobria um corpo delineado sob o pano branco com impressionante exatidão. A jovem sentiu que uma invisível mas poderosa mão a puxava para trás, na direção da porta de saída. Precisou apoiar-se ao braço de Alec.

A voz de Edwin Kenneth soou lugubrememente no salão deserto, como se não procedesse de uma garganta viva.

- Desejo avisá-la de que o espetáculo não será muito agradável. Seu irmão esteve vários dias num ambiente... digamos, hostil. De qualquer forma, quero que compreenda que o seu reconhecimento não é de importância capital.

Mary Harvey assentiu com a cabeça. Foi tomada de intenso mal-estar, uma dor na boca do estômago. Fechou os olhos por momentos, tornando a abri-los. Fazia esforços para conter as náuseas. Por fim, falou, determinada:

- Vamos.

Aproximaram-se. Aquela imobilidade terrível, total, inapelável, fe-la morder os lábios, cravando no lençol os olhos assustados.

Com um brusco movimento, o auxiliar de guarda-pó cinzento descobriu a parte superior do cadáver. Mary sentiu perder as forças, apoiando-se no braço de Alec, o olhar parado, hipnotizada, naquele rosto desfigurado. Um silêncio expectante, quase sólido, os envolvia.

Um queixume rouco brotou da garganta seca da jovem. Sua cabeça pendeu no ombro vigoroso de Alec Swanson.

- É horrível! - balbuciou.

A um sinal de Kenneth, o auxiliar dispôs-se a recobrir o cadáver e então Mary ergueu a cabeça. Estava lívida e o pulsar descompassado do coração repercutia-lhe nas veias azuis do pescoço. Sua voz ressoou naquela solidão silenciosa.

- Um momento!

O funcionário da morgue suspendeu a operação. Todos olharam para Mary Harvey que, muito branca, vacilante, deu um passo em frente. Seus olhos cravaram-se novamente naquela máscara inerte, horrível, violácea. Moveu os lábios e o que disse foi ouvido claramente por todos:

- Este homem não é meu irmão!

CAPÍTULO SEXTO

Em busca do falso morto - Aventura no "basfond" - Nova pista auspiciosa.

A surpreendente declaração de Mary Harvey abria novos horizontes àquele caso extraordinário. O inspetor Edwin Kenneth e seus colaboradores viam-se, inopinadamente, diante de um panorama bem diverso do anterior.

Era evidente: se o cadáver descoberto no Hudson não pertencia a Rudolph Harvey, este devia encontrar-se vivo em algum lugar.

Kenneth compreendia agora por que aquele cadáver fora raptado: os assassinos suspeitavam da troca de personalidade e queriam certificar-se disso, o que viria comprovar que o autor da morte não conhecia pessoalmente a vítima.

O imediato e urgente trabalho do FBI consistiria portanto em localizar o verdadeiro Rudolph Harvey, pois agora seus inimigos sabiam que ele não estava morto, que a tentativa de assassiná-lo havia fracassado. Vivo, Harvey e seu estranho segredo tornavam a adquirir uma importância vital para seus planos. Ia ter início uma caçada encarniçada e sem tréguas, aos celerados.

A máquina da lei desdobrou-se. Divulgaram-se por toda a nação as fotos de Rudolph Harvey e uma rede de agentes federais espalhou-se por toda a extensão do território americano. Reforçou-se a vigilância nos portos e aeroportos, sobretudo nos da zona compreendida entre a península da Flórida e Nova York. Um agente foi enviado a Havana, incumbido de levantar a pista de Harvey.

- Entretanto - dizia o inspetor Kenneth a seus colaboradores Wells e Swanson - espero que Harvey se comunique conosco de algum modo. Estranho que já não o tenha feito, pois segundo a irmã, seu desejo era comunicar à Polícia o que descobrira.

- Talvez a estas horas já tenha caído em poder do inimigo - opinou Alec.

- Ou talvez nos queira dar a notícia pessoalmente - sugeriu Bat.

- Prefiro admitir essa última hipótese, rapazes - concluiu o inspetor.

A vigilância sobre os passageiros do "Cincinatti" prosseguia. But Wells ficou encarregado de seguir os passos da venezuelana embarcada em Cuba.

Na lista de passageiros figurava sob o nome de Silvia Loredó. Aparentava uns vinte e cinco anos, alta, cabelos negros e lisos, recolhidos à nuca num grande coque. A expressão serena de seus olhos rasgados emprestavam-lhe uma beleza toda particular.

Sempre que deixava o hotel modesto da Terceira Avenida onde se hospedava, era seguida diariamente pelo louro agente federal. Todos os seus movimentos eram fiscalizados minuciosamente pelo policial, embora nada tivessem de suspeito ou extraordinário.

A jovem parecia estar em Nova York em viagem de turismo, e Bat Wells começou a enfasiar-se de seu constante perambular de um lado para outro dar grande cidade. Jamais imaginara que Manhattan, Brooklyn, Harlem ou New Jersey fossem tão grandes. Sempre nos calcanhares da moça, vira-se obrigado a visitar o aquário, o Central Park, a praia popular de Coney Island...

- Se ao menos pudesse ficar a seu lado - pensava o federal. - Porque é preciso convir que a pequena não é nada má.

Naquela tarde, a venezuelana resolveu ir até Bowery.

Num táxi, fez-se conduzir ao bairro heterogêneo e cosmopolita, onde se agrupa, por nacionalidades, a maioria dos estrangeiros radicados em Nova York.

A moça desceu do carro nas cercanias de Rivington Street, no bairro judeu, e se encaminhou lentamente para aquela rua, examinando as casas antigas e modestas.

De um velho vendedor ambulante, de feições israelitas, que se aproximava comprou um objeto enquanto lhe fazia uma pergunta. O velho fez um gesto com a mão, apontando para a frente.

Já na Rivington Street, poucos metros atrás dela, Bat Wells viu-a avançar resoluta para uma das portas. Ela parou, olhando de um lado para outro, hesitante, mas por fim decidiu-se, desaparecendo pela entrada sombria.

Wells apressou os passos. Num rápido olhar classificou o tipo de casa que tinha à sua frente, e sentiu uma espécie de decepção, de desencanto. Seria possível que aquela mulher não passasse de uma... ? Não, era absurdo, seu aspecto não

revelava tal coisa, e Bat não costumava enganar-se a esse respeito. Todavia, não podia haver nenhuma dúvida sobre a condição daquela casa. O policial sabia perfeitamente o que ocultavam aquelas quatro janelas quadradas do sobrado.

Antes de concluir seus pensamentos já subia a velha e rangente escada. Precisava esclarecer as dúvidas. Não compreendia bem que relação podia haver entre Sílvia Laredo e aquele sórdido bordel.

No patamar, viu apenas uma porta, encostada. Empurrando-a, encontrou-se num minúsculo vestibulo, precariamente iluminado, de cujas paredes desbotadas pendiam alguns maltratados espelhos antigos e dois ou três quadros em idênticas condições.

Num canto, uma velha sentada numa cadeira encostada à parede segurava um enorme charuto entre os dedos amarelados. Vendo o policial, deu uma cusparada para o lado, cravando nele olhinhos brilhantes de bruxa. Um sorriso velhaco esgarçou-lhe os lábios secos e apontou para um corredor que saía do vestibulo.

Bat Wells não se mexeu. Esperou que a velha cuspsisse novamente, para então falar:

- Onde está a mulher que passou por aqui agora mesmo?

A bruxa olhou-o enquanto esgravatava o nariz com o dedo índice.

- Que mulher?

- Não se faça de tonta, vovozinha. Refiro-me a Sílvia Laredo.

- Sílvia Laredo... Sílvia Laredo? Não conheço ninguém com esse nome. Mas acho que o nome não importa muito, hem, rapaz? Ih! Ih!

A velha tirou o charuto da boca, endireitou-se na cadeira e ia dizer qualquer coisa, quando na primeira porta do corredor apareceu uma mulher de uns trinta e cinco anos, que avançou para o vestibulo. Trazia nos lábios, nos olhos e nas faces uma massa de pintura que faria inveja a um "clown". Sorriu. O vestido, justo demais para a sua compleição, parecia a ponto de rebentar nas costuras.

- Que há, "baby"? - saudou. - Está procurando alguém?

- Quem é a dona disto? - perguntou o federal por sua vez.

- Sou eu. Por quê? Tem alguma queixa? Não foi bem tratado?

- Ouça isso, "madame": Uma mulher chamada Sílvia Laredo, acabou de entrar em sua casa.

- Que eu saiba, aqui não há nenhuma Sílvia... Sílvia de quê? Ah! sim. Sílvia Laredo.

- É possível que você não saiba; mas ela entrou aqui.

- Ouça "baby", eu sei muito bem quem admito na minha casa. De modo que estamos perdendo tempo em discussões.

- Tem razão - concordou Bat. - Acho que devo começar por isto. - Pôs diante dos olhos lambusados da mulher seu distintivo do FBI. Ela transfigurou-se.

- Bem... Eu... - tentou sorrir, embora sem nenhuma vontade. - Eu... pago impostos, sabe, "baby"?

- E acho que faz muito bem, mas agora seus impostos não me interessam. Vai levar-me até Sílvia Laredo?

"Madame" continuava seu sorriso forçado. Tentou por várias vezes dizer alguma coisa, mas sempre desistia ou talvez as palavras lhe morriam na garganta.

Durante esse silêncio embaraçoso, Bat Wells ouviu algo que lhe despertou poderosamente a atenção. Começou por um murmúrio, que aos poucos se transformava em diálogo de vozes irritadas. Parecia uma discussão acalorada num ponto máximo. Vozes de homem e de mulher, mas ininteligíveis.

O federal guardou o distintivo e avançou uns passos, procurando orientar-se. A velha e a mulher entreolharam-se, empalidecendo. Os espelhos refletiam suas figuras quietas, enquanto Bat alcançava o corredor em penumbra.

Ficou à escuta, ouvia agora apenas a voz masculina, em tom baixo, contido, soando ali mesmo, do outro lado da porta mais próxima. O policial pôde captar algumas frases incompletas.

Um sorriso de triunfo curvou-lhe os lábios. Acabava de ouvir algo de inesperado, algo que talvez pudesse explicar muita coisa e compensar plenamente seus pesares pela monótona e aborrecida perseguição de vários dias.

Dispôs-se a agir. Empurrou a porta suspeita, mas a madeira não cedeu. O homem parou de falar bruscamente, na metade de uma frase. Bat julgou ouvir um grito contido, abafado, de mulher.

Recuou alguns passos. Era preciso agir! Apareceu armado com a Luger negra e certa dos agentes federais. As mulheres do vestibulo começaram a gritar como se tivessem visto uma ratazana.

Coincidindo com o grito, o longo e despenhado corpo de Bat projetou-se, como um obus, contra a porta não muito resistente. Um choque terrível, uma violenta sacudidela, o estalo de alguma coisa quebrando-se e...

Sílvia Laredo chegou, trêmula, junto à porta entreaberta do primeiro andar. Parou, respirando forte. Pela fresta coava-se uma luz mortiça, miserável como o local que iluminava.

Dominando a repugnância, empurrou a porta e atravessou o umbral, parando no vestibulo. A velha da cadeira olhou-a de cima a baixo, passou o charuto de um lado a outro da boca e foi dizendo:

- Vá caindo fora, garota. Não há trabalho para você, entendeu?

A venezuelana percorreu com os olhos os espelhos e o solitário corredor dos fundos.

- Sou Sílvia Laredo - disse com certa arrogância.

A velha deixou de mastigar o charuto, observando-a com seus olhinhos miúdos de rato.

- Bem... e daí? - disse afinal. - Não há trabalho para ninguém.

- Quero ver Kosta.

- E a mim que importa quem você queira ver? - resmungou a bruxa, abandonando a cadeira. - Ande, saia por bem, senão...

Sílvia Laredo, porém estava determinada a levar a cabo a sua missão. Com toda a tranquilidade, abriu a bolsa e sua mão já saiu armada com um revólver pequeno e niquelado, que apontou para a velha.

- Eu disse que quero ver Kosta - repetiu. O charuto caiu da boca da outra.

- Espere... espere... - gaguejou. - Não fique assim, filhinha. Não tenho nada contra você, entende? Pagam-me para ficar sentada aqui e...

- Deixe de muita conversa e avise Kosta imediatamente. Sei que ele está aqui.

A velha recuou para o corredor dos fundos, com os olhos no revólver. Chegando diante da primeira porta, bateu com os nós dos dedos.

- Bárbara, saia logo!

Segundo depois, aparecia a dona do "estabelecimento" em seu estreito vestido e toneladas de pintura no rosto.

- Que aconteceu? - perguntou.

Não foi preciso responder. Viu logo Sílvia e seu revólver niquelado. Arregalou os olhos diante do espetáculo, inédito em sua casa.

- Que significa isto?

- Significa que quero ser levada até Kosta - explicou a jovem. - Sou Sílvia Laredo.

Não foi preciso insistir muito. O revólver falava por ela. Instantes depois era introduzida num quarto pintado de um tom verde já desbotado. A porta fechou-se atrás dela. O mobiliário era simples e vulgar: uma cama, uma mesa e duas cadeiras. A um canto, uma grande mala de couro e, sobre a mesa, a única coisa que destoava da vulgaridade do ambiente: um transmissor portátil de rádio.

Seu operador, de fones nos ouvidos, virou-se quando ouviu o ruído da porta. Vendo a jovem fez uma expressão de contrariedade. Tirou os fones, e seu rosto de traços pronunciados e lábios pálidos endureceu:

- Eu não lhe disse que não viesse aqui? - explodiu, com voz vibrante, sonora.

Sílvia Laredo guardou o revólver enquanto o homem corria para a porta, passando-lhe o ferrolho e fazendo o mesmo à janela.

- Eu não podia aguentar mais, Kosta. Preciso saber o que está acontecendo. Cumpri a ordem que me deram. Meu pai...

- Percebe a imprudência que cometeu? - interrompeu-a Kosta, abrindo a veneziana da janela e olhando para fora. - Podem tê-la seguido.

- Quem iria seguir-me? Ninguém suspeita de mim. Ninguém me conhece.

- Amaldiçoada! - praguejou o homem. - Ninguém a conhece! Pensa que é razão suficiente? Pensa que a polícia americana é composta de imbecis?

- Não procure assustar-me, perde seu tempo.

- Estou tentando mostrar-lhe a realidade. Todos, os passageiros de "Cincinatti" estão sob vigilância.

A jovem aproximou-se, com o olhar exprimindo ansiosa súplica.

- Vim para falar do meu caso. Por favor, Kosta, já entrou em comunicação com "eles"? Disse-lhes que cumpri a ordem?

Kosta abandonou a vigilância da janela e encarou a moça.

- Como sabe que não foi seguida?

- Oh! - exclamou ela, com um movimento impaciente da cabeça. - Eu sei, eu sei, e basta! Agora, responda à minha pergunta. Que disseram "eles"?

Por instantes os olhos do homem brilharam de brandura; logo, porém, voltaram a ficar duros.

- Você quer saber, hem? - fez uma pausa para dar mais ênfase ao que ia dizer.

- Pois bem, tudo o que tenho a dizer-lhe é isto: você falhou.

- Não estou entendendo...

- Sim, enganou-se! Está bem claro, não? O sujeito do "Cincinatti" não era o que procurávamos.

Sílvia Laredo levou a mão à boca para abafar um grito de surpresa.

- Não é possível! Certifiquei-me bem. Seus documentos estavam com o nome de Rudolph Harvey!

- E que tem isso? Seu passaporte não a identifica como Sílvia Laredo?

A mulher meneava a cabeça lentamente.

- Então... então não era ele - parecia falar consigo mesma. Depois, erguendo os olhos para Kosta. - Mas eu cumpri as ordens que me deram. O erro não foi meu. Você sabe disso, Kosta!

O homerrt encolheu os ombros e fez um movimento de cabeça.

- Acabo de me comunicar com ZX-35 - limitou-se a dizer.

- Que disse?

- Querem que você volte imediatamente.

As mãos de Sílvia crisparam-se na bolsa de verniz e seus lábios tremeram. Sabia bem o significado daquilo.

- Não! - gritou. - Não foi isso que prometeram! E meu pai? Falaram-lhe de meu pai?

A vibrante voz de Kosta passou a ser baixa, abafada, mas dura como aço:

- Não tolero mulheres que não sabem dominar os nervos. Só posso dizer uma coisa: o caso do "Cincinatti" fracassou e por causa disso estamos em posição perigosa. A qualquer momento esse sujeito pode revelar tudo às autoridades americanas e...

Nesse ponto o homem parou, desviando os olhos para a porta. Alguém procurava abri-la. Durante alguns momentos, os dois hóspedes do quarto permaneceram imóveis, mudos, como se o ruído lhes houvesse paralisado os movimentos e as vozes. Afinal, o homem reagiu vivamente, lançando-se para a mala e remexendo em seu interior. Quando se ergueu, trazia uma Parabellum negra na mão.

- Afaste-se! - ordenou à mulher.

Sílvia obedeceu, enquanto ele se colocava à frente da porta, ao lado da mesa, atento. Seguiram-se momentos de tensão nervosa, silenciosa, quase palpável e, de súbito, um furacão desabou contra a frágil folha de madeira. O ferrolho saltou, a entrada foi franqueada e o corpo de um homem rolou no chão, impelido pelo impulso brutal.

Quase simultaneamente, Kosta pôs a Parabellum em ação mas compreendeu, uma fração de segundo antes, que a bala sairia alto demais. A surpresa e a precipitação o tinham feito atirar antes do tempo.

Tentou corrigir a pontaria quando ainda vibrava o eco da primeira detonação. O cano da pistola desceu um pouco, o dedo enroscou-se no gatilho...

Tudo passou-se como num relâmpago. O corpo do agente Bat Wells, impelido por sua própria força, foi chocar-se contra os pés da cama. A menos de dois passos, o jovem viu o cano negro da Parabellum apontando para sua cabeça e o dedo do dono montado no gatilho.

Apertando os dentes, Kosta disparou. No mesmo instante, algo chocou-se violentamente contra seu pulso e a bala resvalou nos ladrilhos do chão, indo incrustar-se inofensivamente na parede.

A praga que Kosta emitiu coincidiu com uma terceira detonação, dessa vez da Luger de Bat Wells, deitado no chão.

Sílvia abafou um grito e Kosta levou a mão ao ombro direito. A pistola escapou de seus dedos, caindo ao chão. O homem contemplou a arma, surpreendido, sem atinar por que motivo a largara. Da Parabellum seus olhos foram para a bolsa de verniz, que desviara sua mão num golpe certo. Dela, para a sua dona, Silvia Laredo, muito assustada, como se um inesperado raio de luz lhe revelasse a magnitude e o significado do que acabara de fazer.

- Por que. . . fez isto, Karina? - sussurrou Kosta. - A voz era opaca, sem timbre.
- Você.. . você me traiu...

A mulher soltou a bolsa e cobriu o rosto com as mãos. Quando se aproximou, Bat ouviu-a soluçar entrecortadamente.

CAPÍTULO SÉTIMO

Golpe final de um plano bem urdido - O mistério se aclara - Uma notícia auspiciosa.

Garanto-lhe que acabará falando, amigo. é questão de tempo. O inspetor Edwin Kenneth apontava para o homem capturado no bordel da Rivington Street, sentado numa cadeira dura, de espaldar alto e reto, a cabeça erguida e os lábios pálidos apertados, num gesto de teimosia, uma silenciosa teimosia inutilmente atacada pelos três homens do FBI que o rodeavam. O ombro ferido fora tratado, e a bandagem branca aparecia pelo colarinho aberto da camisa.

Ouvindo as palavras do policial, Kosta ergueu a fronte suada, olhando-o de modo estranho.

- O senhor avalia muito mal os homens de meu tipo - respondeu.

- Repita-me essas palavras daqui a algumas horas.

Os lábios de Kosta se entreabriram num sorriso imperceptível.

- Daqui a poucas horas estarei livre - afirmou com impressionante segurança.

O agente Alec Swanson, à sua esquerda, voltou ao bombardeio de perguntas até então sem resposta.

- Com quem se comunicava por meio da emissora portátil?

A seguir, Bat Wells, envolto na fumaça de seu cigarro, à direita:

- Onde está Rudolph Harvey?

- Foi você quem tentou raptar Mary Harvey, em Dayton?

- Por quê?

- Que sabe sobre uma ilha das Antilhas? Kosta encerrou-se novamente em seu mutismo impenetrável. A sala enchia-se de fumaça de cigarro, tornando o ambiente quase irrespirável. O homem suava, passando a mão no ombro ferido.

O bombardeio verbal dos agentes continuava sem qualquer resultado, quando a porta se abriu e um homem entrou para falar com o inspetor. Este ouviu as palavras que o outro lhe sussurrava aos ouvidos. Em seguida, aproximou-se devagar do homem sentado, fitando-o nos olhos.

- Pena que seu heróico silêncio de nada lhe tenha servido.

O ferido encarou o inspetor do FBI. Havia um laivo de temor em seus olhos.

- O que disse?

- Sua amiguinha é mais camarada do que você. Disseram-me que falou tudo.

Kosta ergueu-se violentamente, com as feições alteradas.

- Não é verdade! Estão tentando enganar-me!

As garras de Swanson tornaram a sentá-lo. O inspetor Kenneth deu-lhe as costas.

- Essa mulher acusou-o do assassinato do passageiro do "Cincinatti".

O rosto de Kosta estava porejado de gotículas que resvalavam pelas faces dando-lhe um gosto salgado na boca.

- Ela mentiu!

- Quem foi, então? - intrometeu-se rapidamente Bat Wells.

- Estão perdendo tempo. Não direi nada.

- Já não precisamos de sua confissão - garantiu Kenneth e calmamente ensaiou o golpe final do plano bem urdido. - Basta-nos o que Silvia Laredo falou. Vamos, rapazes, temos de pedir à Marinha que mande um vaso de guerra para essa ilha.

As palavras de Kenneth fizeram no prisioneiro o efeito de uma picada de cobra. Ergueu-se de um salto, olhos vermelhos de ira, os dentes apertados, tentando safar-se dos dois agentes que o seguravam, mas foi em vão. O vigor de Alec Swanson foi suficiente para reduzi-lo à imobilidade completa. Kosta arquejou entre os braços robustos do agente:

- Traidora maldita! É o que você tem sido sempre, Karina Yuri! Não devíamos confiar em você! Mas a nossa justiça a alcançará! Não escapará da...

Silenciou tão abruptamente como começara a falar. As pupilas giravam-lhe nas órbitas, como se tivesse enlouquecido e o brilho dos olhos diminuiu. Todo o corpo sofreu um estremecimento, que Alec notou imeditamente.

Edwin Kenneth avançou um passo e observou-o detidamente.

- Depressa, Bat, chame um médico!

Enquanto o outro obedecia, Alec tornava a sentar Kosta na dura cadeira. O homem parecia ter perdido bruscamente as forças e deixou-se cair sem resistência, completamente inerte.

- Ai não - disse o inspetor. - Deite-o no sofá.

Carregaram-no para lá. Kosta tinha os olhos semicerrados e respirava com dificuldade. O ar saía-lhe da garganta em estertôres.

De súbito, a cabeça do prisioneiro caiu para o lado, como se lhe tivessem quebrado o pescoço com forte golpe.

- Com todos os diabos! - exclamou Alec, tomando-lhe o pulso. - O homem morreu!

Edwin Kenneth não respondeu logo. Ficou pensativo, como se procurasse arrancar alguma idéia que se aterrava em seu cérebro.

De súbito, voltou-se, dirigindo-se rapidamente para a porta.

- Bat, venha comigo! Você, Alec, fique com o homem até que chegue o doutor Steve.

O louro agente federal correu atrás dele, alcançando-o na porta.

- Que aconteceu, chefe?

- Vamos ver Silvia Laredo. Oxalá cheguemos a tempo.

- A tempo de que, chefe?

- Não compreende, Bat? Não percebe qual era a libertação de que falava esse homem?

- Pelas barbas de Maomé! - exclamou Wells. - Falava na morte!

- Exato.

- Mas como sabia que ia morrer?

- Porque ele mesmo se matou.

Os olhos azuis de Bat chisparam. Limitou-se a murmurar:

- Veneno!

Os dois policiais tomaram o elevador que levava ao gabinete do inspetor no segundo andar, onde estava Silvia Laredo, vigiada por um agente.

- Confiscaram todos os objetos de uso pessoal da moça? - inquiriu Kenneth, enquanto subiam.

- Sim, fizeram a revista e... - Bat Wells não terminou a frase. - Maldição! Nem todos os objetos lhe foram tirados. Pediu que lhe deixassem.. . o mesmo que Kosta pediu!

O elevador parou, ambos saíram e Kenneth atravessou, quase correndo, o pátio que antecedia seu gabinete, com Bat nos calcanhares.

Irrromperam impetuosamente na sala do inspetor. Silvia Laredo, que Kosta chamara de Karina Yuri, estava sentada numa poltrona acendendo o cigarro com o fósforo que um jovem agente oferecia.

Ouvindo o rumor da porta os dois levantaram a cabeça para os recém chegados. Havia no rosto da mulher uma estranha ansiedade, temerosa, mas durou apenas uma fração de segundo. Depois, nervosa, inclinou a cabeça para a chama do fósforo a fim de acender o cigarro.

- Pare! - gritou Edwin Kenneth.

Bat Wells, porém, foi mais prático. Atravessou de um salto o espaço que o separava da jovem e com um tapa arrancou-lhe o cigarro da boca.

- Não! Não! - gemeu Silvia Laredo, tentando recuperá-lo. - Deixe-me!

Bat segurou-a pelos ombros, dominando a feroz e histérica resistência da moça. Pouco a pouco, seu ímpeto foi diminuindo, até que se deixou cair na poltrona, vencida, com o corpo sacudido por violentos soluços.

Enquanto isso, o inspetor Kenneth recolhia o cigarro, observando-o entre os dedos.

- Mande isso ao laboratório - ordenou ao jovem agente que quase acendera o cigarro. Deve ser analisado.

Enquanto o policial saía, olhando para o cigarro como se fosse uma bomba, o inspetor puxou uma cadeira e sentou-se em frente de Silvia. Esperou alguns segundos antes de falar.

- Foi assim que eliminou o passageiro do "Cincinatti", Karina Yuri?

A jovem ergueu os olhos avermelhados. Havia estampadas neles várias sensações: surpresa, medo, desespero...

- Deixe-me! Eu... não sei de nada - gemeu.

- Seu amigo Kosta e você são russos, não é verdade?

- Eu me chamo Sílvia Laredo e nasci na Venezuela. Meu passaporte está em ordem.

- Não é verdade que nasceu na Venezuela, embora eu admita que tenha vivido lá algum tempo.

Sílvia Laredo, ou Karina Yuri, deixou cair a cabeça. Os negros cabelos estavam desalinhados. Bat interveio:

- Seu pai vive atrás da "cortina de ferro". A frase do agente fez o efeito de uma cutelada nas costas da moça. Endireitou-se rapidamente e o sangue fugiu-lhe das faces.

- Por que pergunta isso?

- Não se esqueça de que ouvi sua conversa, com Kosta na casa de Rivington Street. Portanto, deve compreender que seria inútil negar os fatos. Em seu caso, o melhor que tem a fazer é confiar em nós.

Mas nos olhos de Karina havia agora desconfiança. Olhou para o jovem agente como se quisesse medir a sinceridade de suas palavras.

Edwin Kenneth inclinou-se, rompendo a pausa.

- Ouça, Karina: você fracassou na missão de que seus chefes a incumbiram e agora receia pela vida de seu pai, não é assim?

Karina Yuri virou-se.

- Não fracassei! Fiz o que me ordenaram! Não tenho a culpa se aquele homem não era Rudolph Harvey!

Mordeu os lábios percebendo que acabava de cair na cilada. Nada mais deteria aqueles hábeis policiais norte-americanos, se bem que não importasse muito o que lhe pudesse acontecer. Seu pai estava "lá"; portanto, qualquer solução daria no mesmo. Estava tudo perdido, por causa de um momento de fraqueza, de impaciência. Se não tivesse ido àquele bordel...

- Tem razão, sou russa - confessou. - Mandaram-me eliminar o homem do "Cincinatti" e recebi instruções para isso.

Quando a jovem começou a falar, Bat Wells apertou o botão que pôs o gravador em funcionamento.

- Por que queriam desfazer-se de Rudolph Harvey? - inquiriu o inspetor.

- Não sei, e estou dizendo a verdade. Não tive nenhuma explicação ao sair da Rússia. Eu só sabia que devia ir a Caracas, onde nossos agentes me dariam um passaporte falso, e dali iria até Havana, entrevistar-me com Kosta. Ele me disse qual era a missão. Quando lhe manifestei minha repugnância, recordou-me a situação comprometida em que ficaria meu pai se eu não obedecesse.

- Quem era Kosta?

- Pertence ao serviço secreto russo.

- Já não pertence a mais nada - disse Bat Wells. - Suicidou-se da mesma maneira como você queria quando nós chegamos.

Karina estremeceu e o inspetor Kenneth sentiu que aquela mulher estava dizendo a verdade. Ela não podia fornecer mais dados. Era apenas um insignificante parafuso na máquina da espionagem soviética, e ignorava o trabalho das outras peças. Os próprios policiais talvez soubessem mais.

Não obstante, tinha havido um grande avanço: a personalidade do inimigo ficara a descoberto e agora sabiam contra quem lutavam.

Infelizmente, porém, faltava a peça mais importante daquele quebra-cabeça: Rudolph Harvey.

Onde estaria Rudolph Harvey?

Até então, as pesquisas empreendidas pelos agentes espalhados nos diversos Estados não tinham tido nenhum êxito. As notícias que chegavam ao Departamento do FBI em Nova York eram desalentadoras.

Teria sido descoberto pelos agentes russos, que já enganara uma vez, a custa de uma vida humana?

Na manhã seguinte ao interrogatório de Karina Yuri e Kosta, aconteceu o que o inspetor esperava com impaciência havia dias.

O telefone tocou insistentemente e Alec Swanson atendeu. O chefe e Bat puderam ver a expressão de assombro que fez.

- Pelos bigodes de Satanás! - exclamou o atlético agente. - Adivinhem quem está do outro lado deste "troço"?

- Gina Lollobrigida - brincou Bat Wells, entre nuvens da fumaça de seu cigarro, enquanto Alec estendia o aparelho a Kenneth e anunciava:

- O "ilustre chefe" da tribo: Edgar Hoover, em pessoa.

- Diacho! Que terá acontecido ao "velho"? - comentou Kenneth, tomando o fone.

Durante algum tempo, o chefe do FBI falou de coisa muito interessante, a julgar pelo ligeiro brilho dos olhos do inspetor. Desligou, olhando para os colaboradores, que também o olhavam, expectantes.

- Rapazes, Rudolph Harvey acaba de aparecer - falou com a naturalidade de quem propõe uma partida de pôquer.

- O que disse? - exclamaram os dois agentes a um só tempo.

- O que ouviram. Estão surdos? - continuou Kenneth. - Está voando neste momento para Nova York, em avião especial, trazido por um dos nossos homens.

- Como o encontraram? - inquiriu Bat.

- Aconteceu o que eu imaginava. Enquanto os russos liquidavam o passageiro do "Cincinatti", pensando que fosse o verdadeiro Harvey, ele viajava para o Canadá. Dali, atravessou a fronteira e pediu a proteção das autoridades de Houlton.

- E sobre a sua notável descoberta numa ilha misteriosa? - quis saber Alec.

- Ele nos contará pessoalmente. Por ora, só posso dizer uma coisa: dispomos de apenas três dias para evitar a catástrofe.

- Pelas barbas de Maomé! - surpreendeu-se Bat. - Que catástrofe é essa? Que é que Harvey quis dizer?

- Ele não disse nada, por enquanto. Espero que, quando chegar, confirme as minhas suposições.

- Juro, chefe, que, se não falar mais claro, corro o risco de explodir de um momento para outro - assegurou Bat.

- Há uma diferença entre nós - prosseguiu Kenneth, sorrindo. - Enquanto vocês perdem tempo perseguindo louras, morenas e ruivas, eu me entretenho lendo jornais.

- Macacos me mordam se estou entendendo! - exclamou Alec.

- Qual o acontecimento de repercussão mundial que os Estados Unidos estão preparando para daqui a três dias?

Os dois jovens agentes pareciam ter ensaiado a mesma interjeição. Em seguida, a exclamação de Alec Swanson:

- O lançamento de um cosmonauta ao espaço!

CAPÍTULO OITAVO

O dono do segredo - Mais uma surpresa da série - Ataque de desespero - A grande revelação.

O jato especial "Jet", que transportava Rudolph Harvey e sua escolta, pousou na pista número três.

Kenneth, Bat e Alec chegaram ao pé da escada quando a porta da fuselagem começava a abrir-se e nela aparecia a figura maciça de um homem com chapéu de panamá caído nos olhos. Parou um momento no alto da escada. Em seguida, descobriu os três homens e começou a descer.

Do interior do jato surgiram outros dois homens, um deles de estatura semelhante à do primeiro. Um observador atento notaria o volume suspeito, sob a axila esquerda, bem como a firmeza do queixo e decisão do olhar. Eram, por certo, homens de ação.

O homem que ladeavam, ao contrário, era de estatura regular, constituição débil e olhos de côr desbotada, piscando à luz forte da manhã, pele tostada de sol e cabelos grisalhos nas têmporas.

- Com os diabos! Esse gajo é mesmo parecido com o "fiambre" do "Cincinatti" - exclamou Bat.

- Ê, sim - concordou Alec. - As vezes, é divertido parecermos com alguém, mas no caso presente, o gajo do "Cincinatti" deu-se mal.

Ao pé da escada, os três passageiros estacaram diante dos federais. O inspetor apresentou as credenciais.

- Inspetor Edwin Kenneth.

Um dos policiais levou a mão ao chapéu de panamá:

- Às suas ordens, inspetor. Agente especial Edward Quincey, do Departamento de Boston. Aqui, meu colega Allan Terence. - Voltando-se para Harvey continuou: - E, por fim apresento-lhe o nosso homem: Rudolph Harvey.

O apresentado forçou um sorriso e apertou a mão de Kenneth.

- Prazer em conhecê-lo, senhor Harvey. Neste momento, o senhor é um dos homens mais importantes dos Estados Unidos.

Rudolph Harvey, o homem cujo segredo seria capaz de abalar a nação, articulou suas primeiras palavras:

- Afianço-lhe, inspetor, que por um lado lamento ter sido escolhido pelo destino para essa prova terrível. Li os jornais e sei que, por uns miseráveis dólares, causei a morte de um infeliz passageiro do "Cincinatti", e que por causa da revelação de minha descoberta Joseph Jenkins foi assassinado. Sei também, por seus companheiros, o que aconteceu à minha irmã.

Falava com voz comovida e as palavras saíam-lhe entrecortadas. Continuou:

- Esse lado desagradável, contudo, fica anulado pelo outro, muito mais importante: minha condição de norte-americano. Como filho desta pátria, sinto orgulho da missão que me cabe.

- Suas palavras só podem honrá-lo senhor Harvey - respondeu Kenneth. - Agora acompanhe-nos, nos carros que nos esperam irá contando sua história. No Departamento, o senhor verá sua irmã.

O grupo pôs-se em movimento, em direção à salda, onde aguardavam dois carros negros da Polícia. Durante o trajeto, Bat notou como o chefe observava repetidamente a posição do sol sobre suas cabeças. O inspetor trazia o chapéu desabado nos olhos, não permitindo ver o que neles se refletia. Estranhou a atitude, aparentemente sem maior importância, mas que lhe aguçara os sentidos. Alec devia também ter notado algo de estranho, o que se comprovou nos olhares que trocou com o companheiro.

Ambos compreenderam e desabotoaram os paletós para poderem chegar com facilidade e rapidez às armas regulamentares, presas no coldre axilar.

De súbito, Kenneth rompeu o mutismo geral:

- Ê lamentável como minha memória vai ficando fraca... Palavra, como pensei que estivéssemos em julho.

Não houve resposta imediata ao estranho comentário. Logo após manifestou-se o agente que dissera chamar-se Edward Quincey:

- Sua memória é excelente, inspetor, porque estamos realmente no mês de julho.

Kenneth encarou-o:

- E acredita, Quincey, que o clima de Nova Iorque seja fresco no mês de julho?

A surpresa refletiu-se nos olhos do corpulento agente. Certamente não havia explicação para aquela pergunta, aparentemente sem propósito. Afinal, Quincey respondeu:

- O senhor disse fresco, inspetor? Certa vez visitei os fornos de uma usina de aço em Detroit. Acho que entre aquilo e isto não há muita diferença.

Kenneth desviou os olhos do homenzarrão, e tornou a ocultá-los sob a aba do chapéu.

- Então, não encontro explicação - murmurou com naturalidade.

- Aconteceu alguma coisa, chefe? - inquiriu Alec pondo-se a seu lado.

- Ainda não sei.

Haviam vencido mais da metade do caminho que os separavam dos carros quando Edwin Kenneth tornou a falar:

- Ouçam-me todos. Façam o que vou dizer, sem afobamento e com naturalidade, entendido?

- Entendido, chefe - concordou Bat.

- Saiam de trás do senhor Harvey e de mim e fiquem dos lados.

Os federais obedeceram, ficando um pouco distanciados de Harvey e do inspetor, que prosseguiu:

- Quincey, Terence, é possível que estranhem as ordens que lhes vou dar, mas sigam-nas ao pé da letra.

- OK, chefe.

- Ao senhor Harvey - continuou o inspetor, dirigindo-se ao irmão de Mary - quero pedir o mesmo. Procure fazer, com precisão matemática, o que vou indicar. Dentro de alguns instantes...

Nesse momento a voz do inspetor foi encoberta pelo ruído ensurdecedor dos jatos do Super-Constellation que decolava, rumo a Paris.

Já estavam a uns quinze metros dos automóveis. Por trás do alambrado agitavam-se lenços de despedida. O sol a pino dardejara raios ardentes e implacáveis.

Edwin Kenneth pousou a mão no braço direito de Rudolph Harvey, cuja palidez acentuou-se visivelmente.

E como se isso fosse um sinal endereçado a um perigo invisível, este materializou-se bruscamente sob a forma de uma voz rouca e desagradável.

Atrás da rede metálica, a poucos passos dos automóveis policiais, alguma coisa brilhou por instantes como o adejar de uma mariposa, negra e ameaçadora, em cuja superfície azulada, os raios do sol arrancaram reflexos metálicos.

Ao ruído do jato que se afastava juntou-se inopinadamente o de uma metralhadora leve. Foi uma rajada curta, rápida, mortífera, direta ao coração de Rudolph Harvey.

O detentor do segredo capaz de abalar uma nação levou as mãos ao peito e deu um salto grotesco no ar, para cair de chofre, ficando inteiramente imóvel.

A metralhadora ainda não terminara sua fúnebre canção e já nas mãos de Bat e Alec apareciam as reluzentes Luger. Mas apenas puderam divisar, como um relâmpago, a figura de um homem atrás da grade metálica, envolto em ampla gabardina, que se esgueirava entre o público assustado, depois de atirar ao chão a arma homicida.

E deu-se, então, a ordem estranha, incompreensível, de Edwin Kenneth.

- Quincey, Terence, persigam esse homem, mas deixem-no escapar! Bat e Alec, quietos aqui!

Os dois primeiros agentes hesitaram alguns instantes e depois, obedecendo à ordem absurda, correram para uma das saídas, com as pistolas empunhadas. Em poucos segundos a área por trás do alambrado ficou vazia.

Kenneth permanecia ajoelhado junto ao corpo de Rudolph Harvey, inclinado, como a protegê-lo dos raios solares.

- Depressa, rapazes! Ajudem-me a levá-lo para um dos carros! - pediu aos dois agentes.

Bat e Alec levantaram o corpo e em silêncio conduziram-no para um dos automóveis, deitando-o no assento traseiro.

- Arranque! - ordenou Kenneth, entrando também.

Bat sentou-se ao volante e fez a manobra para sair.

Pouco depois, os dois agentes experimentavam mais uma surpresa daquela série que parecia ininterrupta. O homem tombado, aparentemente crivado de balas, mexeu-se, abrindo os olhos e levantou-se no banco. Estava pálido e os lábios tremiam-lhe, mas não tinha no corpo nenhum sinal de ferimento.

- Esplêndido, senhor Harvey! - exclamou Kenneth, entusiasmado. - Agiu de modo perfeito.

O caçador de borboletas enxugou o copioso suor da fronte.

- Palavra de honra, este foi o pior momento de minha vida!

- Franqueza por franqueza - sorriu Kenneth. - Para mim também. Nunca ouvi as balas sibilarem tão perto.

- O que nunca hei de entender foi como soube sincronizar o empurrão que me deu com a fração de segundos que as balas levariam para me atingir.

- Questão de prática, senhor Harvey. É fácil, basta calcular a velocidade de saída do projétil do cano da metralhadora e a distância entre a arma e o objetivo. Depois, efetuar-se uma simples operação aritmética... e pronto.

Edwin Kenneth dizia aquilo com absoluta naturalidade, e seus ajudantes compreenderam que ele procurava diminuir a importância do fato, em benefício do sistema nervoso de Harvey que, se não morrera das balas, poderia morrer de susto.

Por seu turno, Bat e Alec agora percebiam tudo. Mais uma vez, tinham de render-se à perspicácia do chefe. O inspetor previra o perigo desde o início, desde o momento que avistara o homem envolto na gabardina, atrás do alambrado.

- Pareceu-me esquisito - contou Kenneth - que, em pleno mês de julho, com sol a pino, um homem se vestisse daquela maneira. Quem diria que era uma melodiosa "ukelele" o que ele procurava abrigar, hem, rapazes?

- Por que mandou que Quincey e Terence soltassem esse sujeito depois de agarrá-lo?

- Muito simples: Este foi o último ataque, fruto do desespero, dos nossos amigos soviéticos, contra o senhor Harvey. Eles sabem que, se fracassassem, o segredo dessa ilha do Caribe virá a público. E eu quero que pensem que não fracassaram.

Afundado na enorme poltrona de couro, Rudolph Harvey parecia menor do que era realmente. Os olhos claros saltavam de um para outro dos personagens ali reunidos.

À sua frente e também sentado, um homem de olhar sereno, aparentando como ele, uns cinquenta e cinco anos, aguardava em silêncio a sensacional revelação. Era o chefe do Departamento de Nova Iorque do FBI, sob as ordens diretas de Edgar H. Hoover. Junto dele, o inspetor Edwin Kenneth e, do outro lado, à direita, Mary Harvey. Presentes também Alec Swanson e Bat Wells.

Estavam todos na expectativa das palavras do procurador da J.J. Jenkins and Company.

- Segundo depoimento de sua irmã - dissera o chefe do departamento - o senhor escreveu-lhe uma carta em que aludiu a certa ilha das Antilhas e a algo que nela acontecia, de importância vital para a segurança dos Estados Unidos.

- Exato - respondeu Harvey. - Se me permitem começarei pelo princípio.

Pigarreou para limpar a garganta e continuou:

- Como sabem, gosto de colecionar insetos.

Costumo empregar minhas férias anuais para procurar alguma espécie que possa aumentar o valor da coleção. Este ano embarquei para Cuba à procura de um raríssimo exemplar de borboleta que, segundo soube, encontraria numa ilhota a umas trinta milhas a noroeste daquela ilha. Aluguei uma lancha e mandei que me levassem para lá. A ilhota é habitada apenas por algumas famílias de pescadores, em sua maioria cubanos.

- E começou a caça à sua borboleta - intrometeu-se Alec Swanson, que jamais apreciara essa atividade.

Harvey desviou os olhos baços para o agente.

- Sim - respondeu. - Internei-me na selva e certo dia encontrei uma coisa assombrosa.

- O que era? - perguntou o inspetor Kenneth.

- Uma enorme caverna escavada na encosta de um promontório.

- E suponho que o assombroso estaria dentro da caverna - palpitou Bat.

- Exato.

- Ficamos em que o senhor viu a gruta e...- interveio o chefe do departamento.

- Permita-me dizer antes uma coisa - prosseguiu Harvey. - Ainda não compreendo como pude chegar até ali sem ser visto. Acho que foi mera casualidade, porque a tal caverna estava vigiada... por homens armados!

- Que fez então? - tornou Kenneth a perguntar.

- Voltei para o litoral. Não conseguia ver relação entre a presença daqueles homens armados - que, além do mais não me pareciam nativos e a tranquilidade da ilha. Naquela noite tentei abordar um dos velhos pescadores. A princípio mostrou-se arredio, mas depois de bons goles de uísque soltou a língua. Não esclareceu muito, mas as suas palavras foram suficientes para alertar-me.

Fez breve pausa, continuando depois:

- Naquela mesma noite resolvi voltar à caverna. Queria ver, com meus próprios olhos, o que o homem me dissera. Não sei como me armei de coragem para isso. O certo é que, na proteção das trevas e por meio de pequeno estratagema, que não vem ao caso citar, consegui entrar ali.

Edwin Kenneth inclinou-se para a frente; Bat e Alec esticaram os pescoços.

- Senhores - continuou Rudolph Harvey - dentro daquela caverna havia uma complicada instalação de aparelhos esquisitos, dos quais só pude reconhecer um cérebro eletrônico e uma tela de radar.

- Que mais? - impacientou-se Alec.

- Imediatamente, compreendi com toda a clareza as palavras do pescador - a voz de Harvey tornou-se mais profunda. - Ouçam-me bem, senhores: daqui a três dias, a América do Norte lançará, de Cabo Canaveral, um cosmonauta ao espaço.

- Exatamente.

- Nesse lançamento, por uma série de circunstâncias técnicas e científicas, poderão ser feitas observações que representarão um avanço gigantesco no campo dos vãos estratosféricos e darão aos Estados Unidos a supremacia espacial.

- Perfeito.

- Mas isso só acontecerá se a nave espacial conseguir descer no lugar previsto.

- Sim.

- Pois bem, as instalações dessa caverna destinam-se a fazer variar, em pleno voo, a órbita de nossa nave, o que fará com que ela se perca para sempre no espaço infinito... e com um homem em seu bojo!

Essas palavras foram como uma martelada no ânimo dos presentes, aniquilando-os momentaneamente. Edwin Kenneth foi o primeiro a reagir, recostando-se na poltrona, e o ruído que fez nesse movimento atraiu a atenção de todos.

- Que fez o senhor depois? - perguntou, interrompendo o prolongado e incômodo silêncio.

- Descobriram-me. Consegui alcançar o litoral e fugir na lancha que me trouxera de Cuba. Desembarquei como pude em Havana. Desde então, a espionagem soviética em peso me vem pisando nos calcanhares.

- Então resolveu escrever ao senhor Jenkins e a sua irmã? - inquiriu Bat.

- Sim. Meu chefe respondeu-me pela posta-restante; encarregava-se do meu caso e da importância da descoberta, prometendo comunicar tudo ao FBI.

- Decidiu-se tarde demais - replicou Alec Swanson.

- Acho que esperou até a última hora. Ele sabia que a melhor prova do que acontecia na ilha era meu testemunho. Teve de esperar até ver o resultado de nosso plano.

- Sem dúvida, refere-se ao caso do "Cincinatti" - comentou Kenneth.

- Exato. Jenkins me aconselhava em sua carta que procurasse alguém para substituir-me. Era preciso afastar os sabujos russos do verdadeiro Rudolph Harvey. Percebi desde o início, que estava dando uma passagem para o céu a um inocente. Lutei desesperadamente contra meus próprios sentimentos. garanto-lhes que não desejava a meu inimigo semelhante situação.

- Compreendo perfeitamente - concordou o chefe do departamento.

- Afinal, consegui vencer os escrúpulos. Estávamos em cima da hora, não havia tempo para pensar. Meu segredo era importante demais. O fracasso dos Estados Unidos teria repercussão internacional, já que o mundo todo aguarda esse acontecimento. A Rússia nos tomaria uma dianteira irrecuperável e, o que é pior, um homem valente, um perito insubstituível em seu trabalho, um inocente, o que quiserem, seria destinado a uma agonia horrível e prolongada: condenado a girar no infinito, encerrado em seu ataúde de aço...

Harvey não pôde continuar. O suor escorria-lhe pelo rosto e a voz quebrou-se em sua garganta. Mary Harvey correu para ele e os dois irmãos estreitaram-se num abraço. O colecionador de borboletas ainda pôde murmurar:

- Compreenda, Mary, o homem do "Cincinatti" era um desiludido, um pária. Encontrei-o no porto de Havana, quase morto de fome...

CAPÍTULO NONO

Um plano temerário em ação - A grande aventura - Surpresa na selva.

Naquela mesma noite, em Washington, foi convocada uma reunião de urgência, de que participaram Edgar Hoover, um representante da N.A.S.A. e dois membros importantes do Pentágono. O chefe do Departamento Federal de Nova Iorque e o inspetor Edwin Kenneth, as duas figuras mais valiosas daquela reunião, chegaram num avião especial.

Depois que o diretor do Departamento Federal leu o terrível relatório de Rudolph Harvey deram começo ao estudo da situação. Era, sem dúvida, delicada. A princípio aventou-se a idéia de simplesmente adiar o lançamento do cosmonauta, mas vários fatores desaconselhavam tal medida.

- Vinte de julho, dia do lançamento - informou o membro da N.A.S.A. - foi escolhido por ser propício à experiência. A posição dos planetas é favorável ao estudo que pretendemos fazer, e há ainda outros fatos que não preciso mencionar aqui. Se perdermos esse dia, teremos desperdiçado grande oportunidade.

O adiamento do disparo também não era conveniente sob o aspecto político. O prestígio dos Estados Unidos estava em jogo. Que justificativa seriam dadas para o fato? Poder-se-ia falar em falhas técnicas quando já se proclamara aos quatro ventos a perfeição do sistema? Impossível, mesmo porque o perigo das instalações soviéticas persistiria, sem falar-se na possibilidade de que um retardamento favoreceria os planos da Rússia.

Qual seria, então, a solução?

Edwin Kenneth sorriu ao pensar nas palavras do impetuoso Alec Swanson:

- Isso se arranja facilmente com um DC-4 - dissera o agente. - Algumas bombas sobre a ilha... e pronto.

A idéia era pouco viável. Não se poderia bombardear impunemente território estrangeiro. Entretanto ...

O inspetor levantou-se, atraindo para si todos os olhares. Com voz serena e fácil, expôs seu plano, arriscado e temerário, no qual Bat e Alec teriam papel destacado.

Ao lusco-fusco do entardecer, a ilha parecia um enorme cetáceo adormecido nas águas tranquilas do Caribe. Vislumbrava-se da coberta do iate branco de recreio, a duas milhas de distância, a exuberante floresta tropical, como massa escura e uniforme contra a luz do disco solar mergulhando no horizonte.

O inspetor Edwin Kenneth, debruçado à amurada do iate, contemplava o grandioso espetáculo. O policial sabia que o itinerário da embarcação estava sendo vigiado há algum tempo, mas isso tinha pouca importância, pois o aspecto do barco era inofensivo e poderia passar, para os vigias da ilha, apenas como custoso capricho de algum milionário americano.

A realidade, porém, era bem diversa.

Do lado de bombordo, fora da ação dos binóculos russos, quatro homens-rãs acabavam de ajustar a apertada roupa de borracha, prender às costas o aparelho de oxigênio e na cintura os embornais impermeáveis, com os demais apetrechos necessários.

Dois daqueles homens eram Alec Swanson e Bat Wells, os outros dois, cedidos pelo Pentágono.

O plano de Edwin entrava em ação.

- Caramba! - grunhiu Bat, verificando se o embornal estava bem preso à cintura. - Espero não afundar com esse "troço" todo.

- Pois procure bracejar forte, velho - aconselhou Alec. - Ninguém vai parar para ajudá-lo.

- Acho que é você que ficará pelo caminho, servindo de pasto aos tubarões.

- Morreriam de indignação.

- E quem daria a notícia a Mary? E eu teria de casar-me com ela, para consolá-la do infortúnio ... ?

- Maldito linguarudo! Quem lhe disse que eu...?

A chegada do inspetor Kenneth interrompeu o diálogo. Vinha acompanhado de Rudolph Harvey.

- Estamos prontos, chefe - disse Bat.

- Têm os relógios bem sincronizados com o meu?

- Sim.

- Já sabem que às seis horas em ponto será lançado o cosmonauta. Têm, portanto, dez horas para cumprir a missão.

- Tempo de sobra - assegurou Alec.

- Mantenha o rádio em permanente contato com o iate - prosseguiu o inspetor.

- E acho que está dito tudo. Felicidades, rapazes!

Apertou a mão de cada um dos quatro homens, que logo depois calçavam as luvas, dirigindo-se à amurada. Deslizaram pelos cabos até as águas tépidas do Caribe. Momentos depois, o pequeno comando desaparecia da vista dos tripulantes do barco.

Ia começar a grande aventura.

Duas horas mais tarde, já noite fechada, uma das enseadas ao norte da pequena ilha despejava quatro seres de aparência fantasmagórica, como monstros de pesadelo, e se agarraram às rochas, ofegantes de cansaço. Ficaram assim algum tempo. Em seguida, um deles ergueu a mão, apontando para as cristas salientes e escorregadias. Os outros entenderam, começando a difícil e perigosa escalada. A meio caminho, pararam. O silêncio era quase completo, apenas o marulhar das ondas banhando a base da rocha destoava da calma reinante. Acima, o leitoso resplendor da lua branquejava a superfície escarpada dos alcantilados.

- Aqui podemos mudar de roupa - sussurrou um dos homens. - Estamos protegidos.

Despojaram-se rapidamente da roupa, tirando dos embornais umas calças de lona, camisas e bolas soladas de borracha. Vestiram-se rapidamente. Outro embornal continha a metralhadora, uma cartucheira repleta de balas e um facão de mato.

Os homens armavam-se executando um plano perfeitamente estudado: arma de fogo só como emergência, e havia apenas uma metralhadora, em poder de Bat.

Alec tirou também um papel cuidadosamente dobrado que estendeu à vista dos companheiros: era uma planta da ilhota, toscamente traçada a lápis por Harvey. Ao centro havia uma circunferência, em vermelho.

- As instalações russas - disse Alec.

- Temos de abrir caminho através da selva - comentou Bat, examinando a metralhadora.

- Acho que a vigilância não será muito grande - murmurou um dos homens requisitados ao Pentágono, cujo rosto, redondo e rosado, lhe valera o apelido de "Orange" (laranja).

- Será bom esperarmos os russos dormirem - alvitrou o quarto homem, ocupado em esconder as roupas de borracha e seus acessórios num ôco bem dissimulado da rocha.

Alec dobrou o mapa, guardando-o no bolso.

- "Kentucky" - dirigiu-se ao homem que guardava a bagagem - montaremos o rádio mais acima, entre as árvores.

- Muito bem - concordou o outro.

Instantes depois os quatro homens abandonavam o alcantilado. "Orange" e "Kentucky" carregavam os embornais ainda fechados.

Penetraram na selva. Um rápido cálculo orientou-os na direção sudoeste. Entre o espesso arvoredo, "Kentucky" montou a emissora e entrou em contato com o iate de recreio.

- O inspetor nos felicita e deseja boa sorte - informou aos companheiros, tornando a desmontar o aparelho.

Cedo verificaram que se o caminho escolhido era o mais curto, não era, entretanto o mais fácil.

Árvores tropicais gigantescas, cujos galhos, descendo quase até o chão entrelaçavam-se com outros, além da exuberante vegetação do solo, que chegava a formar verdadeiras barreiras, impediam-lhes a passagem em vários pontos, obrigando-os a voltas enormes. De quando em quando surgia um fino raio de luar, filtrando-se através de frestas quase invisíveis. Nessas ocasiões consultavam o mapa ou o relógio.

- Estamos no caminho certo - garantiu Alec, enxugando o suor da face.

Ele e seus companheiros "Orange" e "Kentucky" empunhavam os longos facões de mato com os quais iam abrindo passagem através dos caminhos tortuosos.

Vinte minutos mais tarde chegavam a uma pequena clareira iluminada fracamente pela lua. Bat Wells resolveu tirar a metralhadora de sua mochila.

- Pelo meus cálculos, já devemos estar perto do objetivo - anunciou. - Como vai a "mercadoria", "Orange"?

O rapaz cutucou com o facão a grande mochila de lona presa às costas.

- Sem novidade, embora eu esteja doido para soltá-la. Pesa como chumbo.

- Pois, vamos andando - continuou Bat, consultando o relógio. - É uma hora. Breve você poderá desfazer-se da carga.

Atravessaram a clareira embrenhando-se de novo na selva. De súbito, Alec que ia na frente, parou bruscamente.

- Que há, Alce? - inquiriu Wells.

O atlético agente fez um sinal de silêncio com a mão. Os quatro homens pararam, com a respiração suspensa. A princípio nada ouviram. Depois, perceberam um leve roçar de alguma coisa na vegetação adiante deles, que pouco a pouco se foi fazendo mais audível, seguida de golpes secos de quebrar de galhos.

Bat e Alec se entreolharam. Alguém avançava para a clareira!

- Rápido, Bat, para a esquerda! - sussurrou Alec. - "Orange", você fique comigo aqui!

Com extraordinária rapidez, o comando dividiu-se: Bat e "Kentucky" desapareceram na espessura pelo lado esquerdo, enquanto Alec e "Orange" sumiam pelo direito.

Atrás de um grosso tronco, com o dedo no gatilho, Bat esforçava-se em perfurar as sombras com os olhos. "Kentucky", agachado junto dele, segurava firmemente seu facão. O rumor da passagem de um corpo através da vegetação era cada vez mais claro.

Bat viu alguns ramos movendo-se à frente, um pouco à direita, levantou o cano da metralhadora e esperou. "Kentucky" ficou alerta, com os músculos tensos. A ramagem continuava a mover-se agora pelo impulso de golpes rijos, provavelmente assestados por um facão ou machadinha. Afinal, a espessa galharia abriu-se num golpe mais forte e um vulto surgiu no espaço aberto.

Bat reconheceu a silhueta de um homem, que continuava embrenhando-se na espessura, derrubando com um facão comprido tudo que se lhe antepunha. De repente parou, como se farejasse alguma coisa no ar. A lâmina brilhou, ferida por um fraco raio do luar.

Após momentos de hesitação, o homem soltou um grunhido ininteligível e saltou para a frente, com o facão erguido, na direção do esconderijo de Bat e "Kentucky".

Surpreendido pela súbita e inesperada ação do desconhecido, Bat ergueu a metralhadora ao nível da cintura e gritou:

- Alto lá! Pare ou faço fogo!

Pôde ainda distinguir vagamente as feições do homem e o brilho feroz dos olhos, ia disparar, mas desistiu no último momento.

O outro, porém, não teve tais escrúpulos. Descrevendo um círculo com o braço, arremessou o facão como um relâmpago e Bat Wells ouviu a lâmina incrustar-se profundamente na casca mole do tronco que o protegia em parte.

O agressor deu um grito sufocado, enquanto se voltava rapidamente e iniciava a fuga pelo lado oposto. Mas não foi muito longe.

À frente dele, as sombras da selva projetaram um corpo que o agarrou pela cintura, fazendo-o rolar por terra. O homem revirou-se como fera acuada, mas os músculos do agente federal Alec Swanson eram como tenazes, e em menos de cinco segundos reduziram à impotência os ímpetos da fera.

Bat Wells aproximou-se, seguido de "Kentucky". Do outro lado, surgiu Orange, protegido pela folhagem.

- Bravos, Alec! - exclamou o homem do Pentágono. - Vejamos que espécie de bicho você caçou.

Preso entre os braços vigorosos de Alec, o desconhecido, que devia ter de cinquenta a cinquenta e cinco anos, tremia, e seus olhos brilhavam assustados.

Bat olhou-o atentamente, e teve a impressão de que já o vira em algum lugar.

- Você entende inglês? - indagou, sem largar a metralhadora.

A pergunta fez o sujeito mudar de expressão e os olhos, de aterrados passaram a refletir perplexidade. Depois de observar, intrigado, os homens que o rodeavam respondeu:

- Sim... sim, entendo... e falo um pouco.

- Você é russo? - inquiriu Bat, reparando no sotaque do desconhecido.

O homem respondeu apressadamente:

- Sim, sou russo, mas estou fugindo dos meus patrícios, juro que é verdade!

- Não temos nenhuma obrigação de acreditar nisso - afirmou Alec, por trás dele.

- Pensem o que quiserem, senhores, mas, por favor, ouçam-me. Vejo que são americanos. Não sei o que fazem aqui nem me importa. Apenas peço que me acolham. Amarrem-me as mãos, os pés, mas levem-me com os senhores, para os Estados Unidos.

- Você iria para um bom lugar, amigo - garantiu Alec. - Mas eu daria dez anos de minha vida para saber se nós mesmos voltaremos.

Bat, que continuava observando atentamente o prisioneiro, perguntou:

- Por que fugia de seus patrícios?

Uma careta de desgosto alterou-lhe as feições.

- Devo a eles todo o mal que me aconteceu na vida - falou amargurado. - Tiraram-me da Rússia à força e me trouxeram para cá. Sou técnico em eletrônica e queria que eu colaborasse em algo espantoso.

- Como desviar a nave americana da órbita, por exemplo? - observou Alec, mordaz.

O russo quase caiu de espanto.

- Oh! Os senhores... sabem - balbuciou. - E estão aqui... Que bom! Garanto-lhes que...

- Não garanta nada, por enquanto - cortou Bat. - Estava contando suas desgraças. Continue.

Diante da firmeza da ordem, o russo prosseguiu:

— Como dizia, obrigaram-me a vir para cá. Mas não fui eu só, minha filha também. Fizeram-na entrar clandestinamente nos Estados Unidos, sob a ameaça de que, se não se saísse bem da missão, nunca mais me veria.

- Como se chama sua filha? - indagou Bat, que já adivinhava quem seria aquele homem.

- Karina... Karina Yuri.

O louro agente e seu companheiro puseram-se a meditar nas incríveis jogadas do destino em suas caprichosas partidas com os humanos.

Sem saber por que, Bat sentiu forte desejo de estar diante de Karina Yuri para dizer-lhe que seu pai não estava na Rússia, como pensava.

- Vamos levá-lo conosco, amigo - decidiu Bat, baixando a metralhadora. - Mas não alimente esperanças de entrar nos Estados Unidos; talvez seja um sonho impraticável.

Enquanto falavam, "Orange" voltava com o facão que desenterrara do tronco.

- Sorte a sua, Bat - exclamou, passando o dedo no fio agudíssimo da lâmina. - Se ele acertasse esta, você estaria tão espetado como as borboletas do nosso amigo Harvey. Vou guardá-la como lembrança.

- Que pensa de nossa presença nesta ilha?

- Depois do que disseram, não podia estar mais claro. Acho que estão aqui com a intenção de sabotar o plano russo.

- Acredita que será difícil conseguir isso?

- Difícil e perigoso, se forem apenas quatro homens. A ilha tem trinta russos, entre soldados e técnicos.

- Bem, nós agora somos cinco - alvitrou Alec. - Como você quer entrar nos Estados Unidos, aí está uma excelente oportunidade.

- Podem contar comigo.

- Então, vamos andando - decidiu Alec. - Não podemos perder nem mais um minuto. Leve-nos até as instalações russas e saiba que nós estamos prevenidos contra qualquer possível arrependimento de sua parte.

CAPÍTULO DÉCIMO

Objetivo à vista! - Metuculoso trabalho de sabotagem - Luta feros à maneira dos Cheyenes - A grata surpresa final

Os cinco homens reiniciaram a caminhada através da selva, o russo à frente e Bat Wells à retaguarda, metralhadora em punho, prevenido contra qualquer eventualidade.

Saindo da clareira iluminada pelo luar, a escuridão voltou a ser completa. Avançavam às cegas, na espessura da mata, abrindo caminho com os facões, arranhando o rosto e as mãos nos espinhos.

Depois de algum tempo, à medida que se aproximavam do objetivo, a vegetação se foi tornando menos fechada, e a lua surgiu por entre as copas das árvores. Em certo momento, o russo os deteve com um sinal.

- Agora, precisamos ir com mais cuidado - disse, indicando um ponto entre as árvores. - Ali está o promontório com as instalações.

Efetivamente, pouco à frente, a floresta terminava bruscamente, e o terreno começava a inclinar-se, formando a encosta de uma montanha.

- Dizem que isso foi um vulcão em outros tempos - esclareceu o pai de Karina. - As instalações ficam na caverna, do outro lado.

- E as sentinelas? - perguntou Bat.

- Estão quase todas nas proximidades da gruta. Mas há outras patrulhando as vertentes.

Traçou, em poucas palavras, seu plano de ação. Seria uma operação arriscada, realizada sob a proteção das trevas. Felizmente, as encostas pareciam ser muito acidentadas.

Montaram rapidamente a emissora, e "Kentucky" comunicou-se com o inspetor Edwin Kenneth.

- Estamos diante do objetivo - foi a breve informação.

Tornou a desmontar o aparelho, ante os olhos perscrutadores do russo, guardando-o no embornal impermeável.

Estava tudo pronto para o início da última e mais arriscada parte do plano.

Os relógios marcavam duas horas e vinte e três minutos da madrugada, quando o comando iniciou a escalada.

Sob a luz da lua, os cinco homens avançaram agachados, buscando as sombras das rochas, ocultando-se como répteis nas depressões do terreno. À frente iam Alec Swenson e "Orange", este carregando a bolsa de carga. A uns dez passos, seguiam-nos "Kentucky" e o pai de Karina Yuri. Por fim, Bat Wells, levando a metralhadora.

Alcançando o cume, Alec e "Orange" colaram-se ao chão, protegendo-se entre arbustos. Na vertente oposta brilhava a luz de uma fogueira.

- Os primeiros russos! - sussurrou o homem do Pentágono.

- Esperemos aqui a chegada de nossos companheiros - sugeriu o federal.

Pouco depois estavam todos reunidos.

- Essa é a primeira patrulha de reconhecimento - informou o russo. - Não tem pouso fixo, normalmente patrulha toda a montanha.

- Vamos aproximar-nos da gruta pela esquerda - decidiu Bat.

Começaram a descida por uma depressão que os protegia dos homens da fogueira. Rastejavam, procurando não fazer o menor ruído, no terreno acidentado. Um passo em falso, uma pedra que rolasse, poria tudo a perder.

De súbito, Alec divisou no alto de uma rocha a silhueta de dois homens imóveis, lado a lado. Estavam tão próximos que podia distinguir perfeitamente seus fuzis à bandoleira.

- Rapazes, vai começar o "baile" - sussurrou Bat. - Estamos dentro das fileiras inimigas.

Continuaram a rastejar, passando, um por um, sob a rocha guardada pelas sentinelas. Ouviam claramente a conversa dos dois homens em voz baixa.

Finalmente, deixando para trás o posto russo, os cinco reencontraram-se ao abrigo de rochas pontiagudas. O fugitivo russo apontou para um declive próximo.

- A caverna fica por baixo - esclareceu. Enfim, o "círculo vermelho" estava à vista!

- Chegou sua hora, "Orange" - disse Bat. - Ficaremos em lugares diferentes: você, sobre o "círculo vermelho", Alec e o russo, às suas costas, naquelas pedras do centro, e eu os cobrirei deste ponto. "Kentucky" montará a emissora aqui. Para a frente, "Orange"... e felicidades!

O corado emissário do Pentágono ajustou a bolsa às costas e saiu. Os companheiros viram-no avançar, agachado, em direção ao declive, durante algum tempo. Depois, desapareceu numa pequena ondulação do terreno.

Enquanto "Kentucky" montava a emissora, Alec e o russo também saíam da massa rochosa. Avançaram, com infinita precaução, até as culminância que lhes serviriam de posto de observação e de ligação entre "Orange" e seus companheiros.

Estava tudo em calma. Os dois postos russos tinham ficado muito para trás e nem sequer a fogueira era vista.

"Orange", o homem que tinha a missão mais importante do pequeno comando, continuava arrastando-se para a gruta, lenta e silenciosamente, vendo diante de si, cada vez com mais detalhes, os contornos do que deveria ser o teto da caverna russa. Sentia nas pernas e no peito o atrito áspero do chão. Passo a passo, polegada por polegada, avançava para o "círculo vermelho", ofegante e com a fronte banhada de suor.

Parou atrás de uns arbustos para recobrar alento. Viu então a sentinela, a poucos passos, separada dele por um desnível do terreno. A figura do homem confundia-se com a rocha em que se recostava.

"Orange" observou-o durante alguns segundos, contendo a respiração. A sentinela estava de costas, mas virou-se subitamente, empunhando o fuzil. O enviado do Pentágono esmagou-se no Chão como se quisesse perfurá-lo, tendo na mão o cabo do facão que pertencera ao pai de Karina. Ficou assim uns instantes, com os nervos tensos, esperando ver a qualquer momento a figura da sentinela à sua frente.

Três, quatro... cinco segundos. Nada. Silêncio absoluto.

"Orange" ergueu o rosto corado acima dos arbustos, empunhando o facão e decidido a tudo. O russo já voltara ao posto e estava outra vez de costas.

- De boa você se livrou não chegando até aqui, bolchevista dos diabos - murmurou o americano.

De novo, e redobrando as precauções, continuou o avanço, desviando-se para o lado a fim de afastar-se da sentinela. Dando pequena volta, alcançou, enfim, um dos extremos do declive. De bruços no chão, espiou.

Debaixo dele, camuflada por algumas pedras e pequenas árvores, estava a entrada da cova! Espalhados nas proximidades, pôde contar oito homens, armados de metralhadoras.

Não esperou mais. Deitando a bolsa de lona junto dele abriu-a, tirando parte de seu conteúdo alguns cilindros alongados providos de mecha na extremidade. Dinamite!

Rapidamente, deu início ao seu perigoso trabalho: enterrou vários cartuchos em diversos pontos estratégicos, unindo-lhes os estopins por um fio de conexão. A operação demorou algum tempo. Seu relógio marcava quatro e dez quando, arrastando-se, começou a contornar o declive, rumo à outra extremidade. Repetiu ali a operação, ocultando cuidadosamente os fios que, ligados a um principal, terminariam no detonador.

Quando concluiu a difícil e arriscada tarefa, acorou-se ante as pedras e enxugou o copioso suor da fronte. Eram já cinco horas e o horizonte começava a tingir-se com os primeiros albos do dia.

Uma hora depois, o cosmonauta americano seria lançado ao espaço.

- Raios! Isto levou mais tempo do que eu imaginava - murmurou para si mesmo.

Antes de afastar-se dali deu uma olhada à entrada da gruta. Tudo continuava normal. As sentinelas permaneciam em seus postos.

Com os mesmos cuidados, começou a recuar, desenrolando o fio até o ponto de encontro onde o esperavam Alec Swanson e o russo. Calculou mentalmente onde poderia encontrar-se a sentinela e deu uma volta para evitar um perigoso encontro.

Parecia-lhe que os ponteiros do relógio estavam acelerados: cinco e meia!

Alec e o pai de Karina não podiam estar muito longe. Apoiando-se nos cotovelos, parou, olhando ansiosamente para as pedras que deviam proteger o federal e o fugitivo. Não os viu.

- Devem andar por perto - pensou.

Teve vontade de erguer-se completamente e lançar uma vista em torno. Mas sabia que isso seria arriscar-se a ser descoberto, e não podia permitir-se tal luxo. O tempo avançava vertiginosamente, e "os técnicos russos já estariam em seus postos, prontos para fazer o terrível engenho funcionar.

Essa idéia eriçou-lhe os cabelos e fê-lo continuar seu retrocesso até o ponto de encontro. Alguns passos além, quando tentava dissimular entre as pedras o cabo de conexão, ouviu um ruído próximo que não pôde identificar. Com todos os sentidos mas nada viu.

Deu de ombros e, firmando o facão entre os dentes, prosseguiu o recuo.

Não chegara a enterrar um metro do fio quando um grito gutural rompeu o silêncio da noite. "Orange" fundiu-se ao solo, no momento exato em que soava uma detonação e uma bala passava roçando-lhe as orelhas.

- Maldição! Descobriram-me!

Ergueu-se de um salto, esgrimindo o facão, e tomando logo conhecimento da crítica situação. Diante dele, viu o luzidio cano de um fuzil, apontado direto para seu peito, na mão do vigia russo, já curvando o dedo no gatilho.

Nessa pausa brevíssima, o silêncio foi tão intenso que o americano pôde ouvir as batidas do próprio coração. Mas uma estrepitosa rajada de metralhadora quebrou esse silêncio.

Diante dos olhos assombrados de "Orange", o russo deixou cair o fuzil, levantou os braços num gesto desesperado e caiu atravessado sobre a própria arma, com o rosto banhado em sangue.

Naquele mesmo instante, o pânico generalizou-se por toda a região do "círculo vermelho".

- Depressa, "Orange", o detonador!

Era a voz de Alec Swanson, meio escondido atrás de algumas pedras a poucos passos dali, tendo ao lado o pai de Karina Yuri. Mais para trás, fora da proteção das rochas, a loura figura de Bat Wells parecia a serena estátua do soldado vingador, com a metralhadora ainda fumegante nas mãos.

Dali por diante, tudo podia acontecer. O alarma se espalhara e de vários pontos vinham os gritos das sentinelas russas.

"Orange" lançou-se freneticamente para o carretei do fio e começou a estendê-lo em direção ao posto de Alec, onde estava preparado o detonador. Vários tiros soaram à esquerda, enquanto os projéteis passavam perigosamente perto do homem do Pentágono.

Subindo às rochas, Bat Wells respondeu com uma rajada de metralhadora que deteve os atacantes por alguns momentos.

- Pelas barbas de Maomé! - exclamou Bat, estendendo a vista em torno. - Dentro em pouco isto aqui vai virar inferno! Que horas são, Kentucky?

Agachado junto à emissora, o companheiro respondeu.

Seis menos dez! Em dez minutos, o cosmonauta seria lançado ao espaço, enquanto ali, a algumas milhas de distância, cinco homens lutavam com enorme desvantagem, para evitar o fracasso do lançamento e salvar o prestígio dos Estados Unidos.

- Cuidado, Bat, em suas costas!

O federal voltou-se, com a metralhadora preparada. Pela encosta subiam quatro homens armados, agachados, de pedra em pedra e entre os arbustos.

A arma de Bat pipocou novamente e eles lançaram-se ao solo, desaparecendo da vista do agente.

Nesse momento ouviu novo metralhar, do outro lado do parapeito. Disparou na direção de onde julgava ouvir o barulho.

Os russos daquele lado deviam estar ocultos em algum lugar, porque não via ninguém, nem mesmo "Orange". Apenas o corpo da sentinela, grotescamente atravessado sobre o fuzil, na cinzenta claridade do amanhecer.

- Bat, os russos continuam avançando pela retaguarda! - gritou-lhe "Kentucky". - Vejo-os perfeitamente daqui.

- Cubra-se e deixe que venham! Por ora, estou mais interessado nos deste lado. Mas, onde se terá metido "Orange"? Também não vejo Alec.

- E a dinamite? Por que não explode? faltam só cinco minutos para as seis.

Cinco minutos! As têmeoras de Bat Wells, martelando ritmicamente, começaram a contar ao compasso dos segundos. Trezentos... duzentos e noventa e nove... duzentos e noventa e oito...

Entre os arbustos, muito próximo do declive que devia ser dinamitado, brotaram vários clarões, seguidos por outros do lado oposto. O fogo russo parecia concentrar-se nas rochas que protegiam Bat e "Kentucky". O federal respondeu com uma rajada cm leque, enquanto ouvia o zunir das balas russas chocando-se contra o parapeito.

Que acontecia com "Orange" e os outros? Ainda estariam vivos?

- Alec! - A voz de Bat ultrapassou o nutrido tiroteio inimigo. Seu atlético companheiro respondeu-lhe, aos gritos:

- Que há, velho?

- E "Orange"? Que aconteceu com a "mercadoria"? São quase seis horas!

- Pensa que não tenho relógio, compridão dos diabos? Concentre seu fogo no declive para que eu possa sair. Acho que acertaram o "Orange" e ele não pode mover-se.

- Muito bem. Lá vai!

A metralhadora começou a vomitar fogo e chumbo contra os inimigos. Acima dele, Bat Wells, com os dentes apertados, viu Alec Swanson saltando de seu esconderijo.

- Bat! Eles já estão aqui! - Agora era a voz de "Kentucky".

- Malditos! - rugiu Wells, recarregando a arma apressadamente. - Largue a emissora e cuide deles como puder! Não posso abandonar Alec. Está sendo metralhado!

"Kentucky" arrancou os fones e empunhou o facão, acocorando-se junto a uma das pedras. Os quatro russos daquele lado estavam praticamente sobre ele. A posição que ocupavam, em nível inferior ao dos americanos impedira, até então, que seu fogo fosse eficiente.

Já municiado, Bat voltou a seu posto, disparando por cima do ponto de encontro, onde provavelmente devia estar o pai de Karina, trêmulo de pavor.

Aquela era uma luta irreal, de pesadelo, inteiramente absurda. Os russos gastavam munição sem nenhum cuidado, crivando literalmente o círculo rochoso onde se abrigavam os americanos. A cortina da chumbo arrancava lascas das rochas, zunindo lamentosamente. Bat quase não acreditava que ainda pudessem estar vivos, e ele mesmo já se julgava no outro mundo. Não teriam caído, talvez destroçados a balaços, logo no início da refrega? Não seria aquilo tudo uma visão infernal, espantosa, desconexa, do que acontecera nos primeiros minutos, antes de caírem mortos?

Mas não, aquilo era real, inteiramente real. A voz de "Kentucky", às suas costas não era, precisamente, a de um fantasma.

- Ah! Amaldiçoados! Vão ver como lutavam meus antepassados, os "cheyenes"!

Bat Wells virou o rosto tismado de pólvora e fumaça. Dois dos quatro russos que subiam do outro lado, já estavam junto à rocha que protegia "Kentucky", no mesmo nível dos americanos, fuzis contra fuzis.

O homem do Pentágono arremeteu contra ele como um louco desenfreado, brandindo o facão na mão erguida. A proximidade impedia os russos de acompanhar na alça de mira os movimentos daquele desesperado. "Kentucky" projetou-se como bóbile contra eles, com incrível fúria, lançando tenebrosos gritos índios de guerra. O choque dos três corpos foi mortal: um russo rolou por terra, com o peito aberto por tremenda facada. O outro girou o fuzil abatendo-o com violência nas pernas do americano.

No momento, a impressão era de que tombaria, mas uma força invencível, sobre-humana, mantinha o diabólico americano de pé. Com as pernas dormentes,

ainda teve energia bastante para lançar-se sobre o inimigo, mergulhando-lhe o facão no peito, até o cabo.

Nesse momento entraram em ação os outros dois soldados russos. "Kentucky" viu-os, de joelhos, sem poder mover-se. Considerou-se perdido.

Bat porém estava ali, meio virado de costas, apoiado nas rochas que lhe serviam de trincheira. Sua metralhadora crepitou com precisão, e os dois russos caíram com o espanto estampado nas feições mongólicas.

- Bat... você... é formidável! - sussurrou "Kentucky", com os olhos cravados no rosto amarelado das sentinelas prostradas junto dele.

O agente nem atentou para os elogios. Girando na pedra, concentrou a atenção nos inimigos em frente, que prosseguiram no combate, cada vez mais ardoroso. Consultou o relógio e sentiu o sangue gelar-lhe nas veias.

Faltavam dez segundos para as seis!

E Alec? E "Orange"? Por que não davam sinais de vida? Estariam mortos, do outro lado das rochas?

Com as mãos crispadas na metralhadora, a garganta ardendo com o cheiro acre da pólvora, o louro agente federal julgou ouvir a voz monótona que, nesse momento, estaria contando os fatídicos segundos de retrocesso:

... Nove... Oito... Sete.. .

Repercutia-lhe nas têmporas, como insuportável dor de cabeça:

... Seis ... Cinco ...

Apertou o gatilho com raiva, tentando sufocar aquela voz íntima. Não percebia que sua dor era real, que o sangue lhe escorria pelo ferimento aberto, abaixo da têmpora direita.

.. . Quatro... Três...

Estaria tudo perdido? Não seriam capazes de honrar a palavra empenhada?

- Alec! Alec! - gritou Bat desesperadamente. - Pelo amor de Deus!

Mas só ouviu, naquele momento, o estampido das armas de fogo. Depois, a voz de Swanson, em meio ao fragor das detonações:

- Bat, continue disparando contra esses malditos arbustos! Esses porcos não me deixam nem piscar!

- Alec, pelo que você mais quer, faça explodir a dinamite! São seis horas!

Não sei o que tem esse negócio que não quer funcionar!

Bat Wells sentiu que o coração entrava em colapso. Seria possível que não chegassem a tempo?

Apenas um segundo... Um...!

Tentou assomar a cabeça por uma fenda entre as rochas. Algumas balas chocaram-se com as pedras, a poucos centímetros de sua cabeça, estilhaçando-as e ferindo-o no rosto.

A voz de Cabo Canaveral, incrustada em seu cérebro, chegou inapelavelmente ao fim da contagem:

- Zero!

Arriscadamente, Wells levantou-se no parapeito, disparando com fúria, em leque. Venderia caro o seu fracasso!

E de súbito a terra tremeu. Uma explosão medonha abalou as entranhas do montão, enquanto uma massa informe de pedras e mato era arremessada contra o céu límpido da manhã, como se o extinto vulcão tivesse finalmente despertado, de seu sono letárgico de séculos!...

- Depois da explosão, foi fácil voltar para o litoral - contava Bat Wells. O pio? foi nadar até o iate, rebocando "Orange" e "Kentucky" e, às vezes, até nosso amigo russo.

No leito, com a cabeça e um braço vendados, "Orange" sorria. Sentado ao pé da cama, "Kentucky" brincava com o facão que fora do pai de Karina Yuri.

O inspetor Edwin Kenneth, ao lado, escutava seu auxiliar. Minutos antes recebera uma chamada telefônica de Washington, chamada importante, que iria causar um impacto em seus homens. Tratava-se de... Bem, seria melhor reservar a notícia para o fim.

Quando fiquei sem notícias de vocês, exatamente seis minutos antes das seis, quase chamei Washington para que suspendesse o lançamento, mas uma voz íntima me dizia que não o fizesse. Confiava em que vocês iam acabar vencendo.

- Acertaram bem o pobre "Orange" - disse o louro agente. - Nem sei como não lhe arrancaram o coração a balaços.

- Arrancaram - assegurou, muito sério, o corado emissário do Pentágono. - Mas apanhei-o do chão, soprei para tirar a poeira, e tornei a colocá-lo no lugar.

Rudolph Harvey, também presente, virou-se para dizer à filha que gostara da piada. Mary Harvey, porém, não podia ouvir as palavras do pai, entretida com o que Alec Swanson lhe dizia muito baixinho.

Bat continuou contando:

- Certo que o pai de Karina Yuri estava meio morto de medo, entre aquelas pedras... Ainda bem que reagiu prontamente, assim que o pusemos na água.

- Uma sorte que ele soubesse nadar... - interveio "Kentucky".

- Pediu asilo aos Estados Unidos - informou Edwin Kennel. - Pena que sua filha...

- Acredita que a pena será muito rigorosa, inspetor? perguntou Bat, com um interesse que até despertou a atenção de Alec Swanson.

- Se ficar provado, em juízo, que trabalhava sob coação dos dirigentes russos... - um largo sorriso distendeu os lábios de Kenneth. - Ué! Será que você agora se interessa por leis penais, Bat?

- Hem? Não... não... é que... Bem, o caso é que... . Enfim, parece que irei visitar Karina Yuri com bastante frequência.

Não terminara ainda de falar, quando levou um tapa nas costas que quase o deixou sem fôlego.

- Muito bem, velho! - exclamou Alec, depois da calorosa e demolidora felicitação. - Agora compreendo por que você se preocupava com tanta solicitude com o técnico russo. Qualquer outro deixaria o sogro afogar-se...

Mordeu os lábios, com a sensação de que falara demais. Descobriu isso quando percebeu o olhar de Rudolph Harvey.

Felizmente, Mary Harvey deu uma risada oportuna, que teve a virtude de livrar o agente de uma situação embaraçosa.

Os outros também riram e Edwin Kenneth julgou que chegara o momento de soltar a grande notícia.

- Rapazes: tenho uma surpresa para vocês. Todos os olhares convergiram para o inteligente inspetor do FBI.

- Acabo de falar com o "grande chefe" e ele me disse que o lançamento do cosmonauta foi um êxito completo. Porém ainda há mais: Daqui a seis dias, vocês são esperados na Casa Branca, pois o Presidente dos Estados Unidos deseja apertar a mão de vocês, juntamente com a do cosmonauta.

O silêncio que se seguiu foi uma demonstração expressiva do que se passava no íntimo daqueles homens de ferro, inquebrantáveis diante do perigo e valentes até à temeridade, mas simples e humanos como o mais insignificante dos mortais.

Fim